

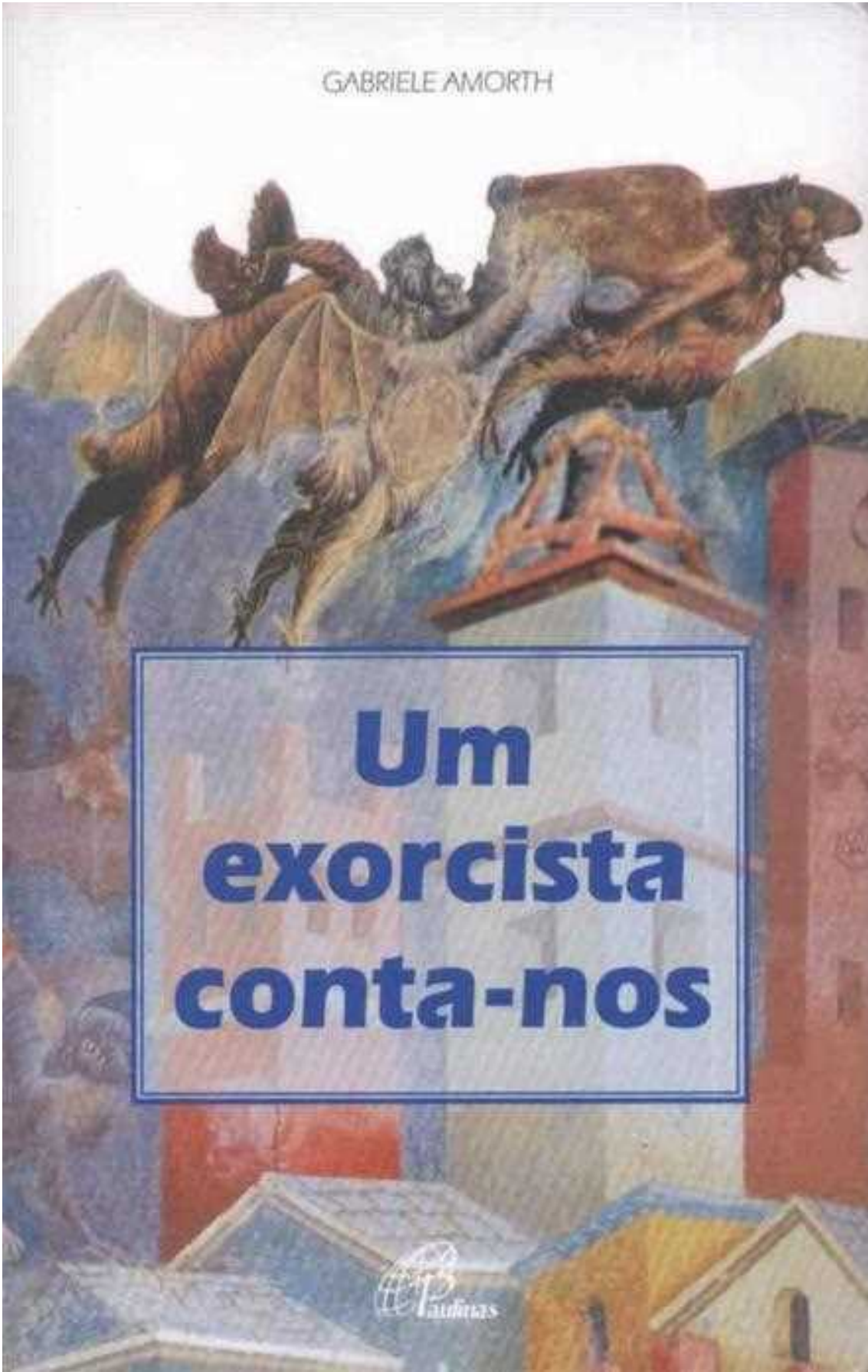


<http://www.defendeinosnocombate.blogspot.com/>

Um exorcista Conta-nos (Segunda Parte)

Decidi "Scanear" esse livro do Padre Gabriele Amorth em duas partes , é muito difícil um material como este chegar as mãos de um povo tão necessitado, estou pedindo a cada um que esteja lendo esta obra, que divulguem em e-mail, blog, redes de relacionamento para que a verdade atinja o maior numero de pessoas.

Batalha dos Santos

The background of the book cover is a painting in a style reminiscent of Hieronymus Bosch. It depicts a large, multi-headed, winged demon with a human-like face and a crown-like headpiece. The demon is shown in a dynamic, almost dancing pose, with its wings spread wide. It appears to be emerging from or interacting with a cityscape below, which features various buildings, including a prominent red one on the right. The overall color palette is muted, with earthy tones and a hazy, atmospheric background.

GABRIELE AMORTH

**Um
exorcista
conta-nos**



Como é que o demónio se comporta

Duma forma geral, podemos dizer que o demónio faz tudo para não ser descoberto, mostra-se muito lacónico e procura todos os meios para desencorajar o paciente e o exorcista. Para melhor clarificar este comportamento podemos classificá-lo em quatro fases: antes de ser descoberto, durante os exorcismos, na proximidade da saída e depois da libertação. Assinalamos igualmente que nunca se encontram dois casos iguais. O comportamento do Maligno é o mais variado e imprevisível. Só farei referência a certos aspectos de comportamento mais frequentes.

1 – *Antes de ser descoberto.* O demónio provoca distúrbios físicos e psíquicos: a pessoa envolvida procura tratar-se com médicos mas nenhum suspeita da verdadeira origem do seu mal. Os médicos, em certos casos, começam um longo tratamento, testando diversos medicamentos, que resultam sempre ineficazes, por isso é vulgar que o paciente mude várias vezes de médico, acusando-os a todos de não entenderem a sua doença. O tratamento dos males psíquicos é o mais difícil. Muitas vezes os especialistas não notam nada (como também acontece com as doenças físicas) e a vítima passa por um «obcecado» aos olhos dos familiares. Uma das cruces mais pesadas destes «doentes» reside no facto de não serem nem compreendidos, nem acreditados.

Quase sempre acontece que estas pessoas, depois de terem batido às portas da medicina oficial, em vão, mais tarde

ou mais cedo acabam por se dirigir a curandeiros, ou ainda pior a adivinhos, bruxos, quiromantes ou feiticeiros. E assim ainda pioram os seus males.

Normalmente, quando alguém recorre a um exorcista (aconselhado por um amigo, raramente por sugestão de um padre) geralmente já fez o percurso pelos médicos que o deixaram numa desconfiança total e, na maioria dos casos, já foi aos bruxos ou similares. A falta de fé, ou pelo menos o facto de não ser praticante, juntamente com a imensa e injustificável carência eclesiástica neste domínio, permitem compreender este tipo de comportamento. A maior parte das vezes é um verdadeiro acaso encontrar alguém que fale da existência de exorcistas.

É preciso não esquecer que o demónio, mesmo nos casos de possessão total (em que é ele que fala e age servindo-se dos membros da sua infeliz vítima), não age continuamente mas intercala a sua acção (designada, em linguagem corrente, por «momentos de crise»), com fases de sossego mais ou menos longas. Exceptuando os casos mais graves, a pessoa pode prosseguir os seus estudos ou o seu trabalho de forma aparentemente normal, sendo ele o único, na realidade, a saber o preço desses esforços.

2 – *Durante os exorcismos.* Em princípio, o demónio faz tudo para não ser descoberto ou pelo menos para dissimular a amplitude da possessão, embora não o consiga sempre. Por vezes é obrigado a manifestar-se desde a primeira oração por causa da força dos exorcismos. Lembro-me de um jovem que, quando recebeu a primeira bênção, me inspirou uma ligeira desconfiança; então pensei «É um caso fácil: uma ou talvez duas bênções será o suficiente para resolver o problema». Na segunda vez, enfureceu-se e a partir daí já não voltei a começar o exorcismo sem ter comigo quatro homens robustos, para o segurar.

Noutros casos é preciso esperar a hora de Deus. Recor-

do-me duma pessoa que tinha procurado vários exorcistas (incluindo a mim próprio) sem que alguém lhe tivesse encontrado alguma coisa de especial. Até que um dia o demónio manifestou claramente a sua presença, e então procedeu-se aos exorcismos como habitualmente, com a frequência necessária para libertar os possessos. Em certos casos, logo desde a primeira ou segunda bênção o demónio revela toda a sua força, que varia de pessoa para pessoa; outras vezes esta manifestação é progressiva. Há pessoas que apresentam em cada sessão problemas novos. Dá a impressão de que todo o mal que está neles deve aparecer a pouco e pouco para poder ser eliminado.

O demónio reage de forma muito diferente às orações e às ordens. Muitas vezes esforça-se por se mostrar indiferente mas, na realidade, ele sofre e o seu sofrimento vai aumentando até que se chegue à libertação. Alguns possessos ficam imóveis e silenciosos não reagindo às provocações senão com os olhos. Outros lutam: convém então segurá-los para impedir os cativos de fazerem mal. Outros ainda lamentam-se, sobretudo quando se lhes aplica a estola sobre os locais dolorosos, como indica o Ritual, ou ainda quando se faz um sinal da cruz ou quando se asperge com água benta. Raros são os que se mostram com fúrias, mas esses devem ser segurados com firmeza pelos assistentes do exorcista, ou pelos familiares.

No que se refere a falar, os demónios geralmente mostram-se muito reticentes. O Ritual determina justamente que não se façam perguntas por pura curiosidade, mas que se pergunte apenas aquilo que pode ser útil à libertação. A primeira coisa é o nome. Para o demónio, tão pouco dado a manifestar-se, o facto de revelar o seu nome constitui uma derrota; quando diz o nome, mostra-se sempre relutante em repeti-lo nos exorcismos posteriores. Ordena-se em seguida ao Maligno que diga quantos demónios habitam no corpo do paciente. Esse número pode ser elevado ou reduzido,

mas há sempre um chefe que usa o primeiro dos nomes indicados. Quando o demónio tem um nome bíblico ou dado pela tradição (por exemplo, *Satanás*, ou *Belzebu*, *Lúcifer*, *Zabulão*, *Meridiano*, *Asmodeu*...) trata-se de caça grossa, mais dura de vencer. Mas a dificuldade, na maioria dos casos, reside na força com que o demónio tomou posse duma pessoa. Quando são vários demónios, o chefe é sempre o último a sair.

A força da possessão resulta também da reacção do demónio aos nomes sagrados. Regra geral o Maligno não pronuncia nem pode pronunciar estes nomes. Substitui-os por outras expressões como «Ele» para designar Deus ou Jesus, ou «Ela» para designar a Santíssima Virgem. Pode também dizer «o teu chefe» ou «a tua patroa» para falar de Jesus ou de Nossa Senhora. Por outro lado, quando a possessão é excessivamente forte e o demónio é de um coro elevado (recordemos que os demónios conservam o coro que ocupavam enquanto anjos como os Tronos, os Principados, as Dominações...), então pode acontecer que pronuncie os nomes de Deus e da Santa Virgem, mas acompanhados de horríveis blasfémias.

Muitas pessoas pensam, não se sabe porquê, que os demónios «falam demais» e que, se uma pessoa vai assistir a um exorcismo, o demónio vai enumerar todos os seus pecados em público. Não há nada mais falso. Os demónios falam com precaução e quando se apresentam faladores dizem coisas estúpidas a fim de distrair o exorcista e de escapar às suas perguntas. Pode haver excepções.

O Pe. Cândido, um dia, convidou para assistir a um dos seus exorcismos um sacerdote que se gabava de não acreditar nisso. Este aceitou o convite, e quando lá estava adoptou uma atitude quase de desprezo ficando com os braços cruzados, sem rezar (ao contrário do que devem fazer os presentes) e com um sorriso irónico nos lábios. A certa altura o demónio dirigiu-se a ele: «Tu dizes que não acreditas

em mim. Mas acreditas nas mulheres, nelas acreditas, ah sim, nelas acreditas e de que maneira!» O desgraçado recuou devagarinho em direcção à porta e escapou-se a toda a pressa.

Outra vez o demónio faz a descrição dos pecados para desencorajar o exorcista. O Pe. Cândido ia benzer um belo jovem que tinha nele uma besta mais forte do que ele. O demónio tentou desencorajar o exorcista nestes termos: «Não vês que estás a perder o teu tempo com este? Ele é daqueles que nunca rezam, é um dos que frequentam..., é um dos que fazem...», seguido duma longa série de vergonhosos pecados. No fim do exorcismo, o Pe. Cândido delicadamente tentou convencer o jovem a fazer uma confissão geral. Mas ele não queria saber de nada disso. Quase que foi preciso empurrá-lo à força para um confessionário e lá apressou-se a dizer que não tinha nada de que tivesse de se acusar. «Mas não fizeste tal coisa em tal ocasião?» insistiu o Pe. Cândido. E o jovem estupefacto teve de reconhecer a sua falta. «E por acaso não fizeste aquilo?» e o desgraçado, cada vez mais confuso, teve de reconhecer um após outro, todos os pecados que o Pe. Cândido lhe recordava, valendo-se das declarações do demónio. Depois, finalmente, recebeu a absolvição. E o jovem foi-se embora confuso: «Já não percebo nada! Estes padres sabem tudo!»

Entretanto o Ritual sugere que se pergunte também há quanto tempo o demónio se encontra naquele corpo, por que razão, etc. Falaremos oportunamente acerca do comportamento que convém adoptar em caso de bruxaria, questões que é preciso colocar e maneira de agir. Por agora sublinharemos que o demónio é o príncipe da mentira. Pode perfeitamente acusar tal ou tal pessoa a fim de suscitar suspeitas e inimizades. As respostas do demónio devem ser sempre cuidadosamente passadas ao crivo. Contentar-me-ei em dizer que o interrogatório do demónio geralmente tem uma importância reduzida. Aconteceu muitas vezes, por

exemplo, que o demónio, ao sentir-se muito enfraquecido, sugeria a data da sua saída mas depois não saía de facto naquela data. Um exorcista experimentado como o Pe. Cândido, que se apercebia imediatamente que tipo de demónio estava a enfrentar e adivinhava a maior parte das vezes até o seu nome, fazia muito poucas perguntas. Outras vezes, quando lhe perguntava o nome, o demónio respondia: «Tu já sabes.» E era verdade.

Em geral os demónios falam espontaneamente, em casos de possessões fortes, para tentar desencorajar ou amedrontar o exorcista. Eu próprio ouvi por diversas ocasiões frases do tipo: «Não podes nada contra mim!»; «Aqui é a minha casa»; «Estou aqui bem e fico aqui!»; «Só estás a perder o teu tempo!». Ou então ameaças: «Vou devorar-te o coração!»; «Esta noite o medo há-de-te impedir de fechares os olhos»; «Vou-me introduzir na tua cama como uma serpente»; «Hei-de fazer-te cair da cama abaixo». Porém, perante certas respostas, pelo contrário, fica silencioso. Quando eu lhe digo por exemplo: «Estou envolvido no manto da Virgem; o que é que tu me podes fazer?»; «O Arcanjo Gabriel é o meu santo patrono; tenta lutar contra ele»; «O meu Anjo da guarda cuida para que nada me aconteça; não podes fazer nada», etc...

Encontra-se sempre um ponto particularmente fraco. Alguns demónios não resistem à cruz feita com a estola sobre as partes doridas. Outros não resistem quando se sopra sobre a face do paciente, e outros ainda opõem-se com todas as suas forças à aspersão de água benta. Existem também frases, nas orações de exorcismo ou noutras orações que o exorcista pode rezar, às quais o demónio reage violentamente perdendo a força. Então basta insistir na repetição destas frases, como preconiza o Ritual. O exorcismo pode ser longo ou breve: é o exorcista quem decide em função de diversos factores. A presença do médico é útil, por vezes, não só para estabelecer o diagnóstico inicial, mas

também para dar a sua opinião quanto à duração do exorcismo. Sobretudo quando o possesso não goza de boa saúde (se é cardíaco, por exemplo) ou quando o exorcista não se está a sentir bem. Nesses casos, o médico pode então aconselhar que se termine. Em geral é o exorcista que se apercebe quando é inútil continuar.

3 – *Na proximidade da saída.* É um momento difícil e delicado que pode durar muito tempo. O demónio, por um lado, faz parecer que já perdeu uma parte das suas forças, mas, por outro lado, tenta jogar as últimas cartadas. Muitas vezes tem-se a seguinte impressão: enquanto no caso de doenças vulgares, o doente vê melhorar o seu estado progressivamente até à cura completa, no caso de um possesso, produz-se o contrário, isto é, a pessoa em questão vê o seu estado sempre a piorar e no momento em que ela já não pode mais, fica curada. Nem sempre as coisas se passam assim, mas é o que acontece com mais frequência.

Para o demónio, deixar uma pessoa e voltar para o inferno, onde quase sempre fica condenado a permanecer, significa morrer eternamente e perder toda a possibilidade de se mostrar activo, incomodando as pessoas. Ele exprime este desespero em expressões que são repetidas muitas vezes durante os exorcismos: «Eu morro, eu morro», «Não posso mais», «Já chega, vocês matam-me», «corja de assassinos, de carrascos; todos os padres são assassinos», e outras frases do género. O conteúdo muda completamente em relação aos primeiros exorcismos. Se antes dizia: «Tu não podes fazer nada contra mim» agora diz: «Tu matas-me, venceste-me.» Se antes dizia que nunca se iria embora porque estava lá bem, agora afirma que se sente horivelmente mal e que deseja ir-se embora. É claro que cada exorcismo, para o demónio, equivale a ser chicoteado: «sofre» muitíssimo, mas inflige igualmente muita dor e cansaço à pessoa em que se encontra. Chega a confessar que durante os exorcismos está

pior que no inferno. Um dia, enquanto o Pe. Cândido exorcizava um indivíduo já à beira da libertação, o demónio declarou abertamente: «Julgas que eu me ia embora se não estivesse pior aqui?» Os exorcismos tornaram-se-lhe verdadeiramente insuportáveis.

Um outro factor que é preciso ter em conta, se se quer ajudar as pessoas que estão em vias de libertação, é que o demónio se esforça por lhes comunicar os seus próprios sentimentos: ele não pode mais e procura transmitir uma sensação de esgotamento intolerável; ele está desesperado e tenta transmitir o seu próprio desespero ao possesso; sente que está perdido, que já lhe resta pouco tempo para «viver», que não está mais em condições de raciocinar correctamente e transmite ao paciente a impressão de que tudo acabou, que a sua vida chegou ao seu termo. Este cada vez mais se convence de que vai enlouquecer. Quantas vezes as pobres vítimas, afligidas, não declaram ao exorcista: «Diga-me francamente se eu estou louco!» Para o possesso, os exorcismos também são cada vez mais cansativos e, por vezes, se não vêm acompanhados, mesmo que forçados, faltam ao encontro. Tive mesmo casos de pessoas próximas ou bastante próximas da libertação, que desistiram totalmente de se deixar exorcizar. Da mesma forma que muitas vezes é preciso ajudar estes «doentes» a rezar, a ir à Igreja e a frequentar os sacramentos, porque eles sozinhos não conseguem, também é conveniente incitá-los a submeter-se aos exorcismos e, sobretudo no momento da fase final, encorajá-los continuamente.

O cansaço físico e um certo sentimento de desmoralização devidos à lentidão dos acontecimentos aumentam, sem dúvida, estes problemas e dão a impressão de que o mal se tornou incurável. O demónio por vezes causa males físicos, mas sobretudo psíquicos, que é preciso tratar por via médica, mesmo após a cura. Contudo, as curas completas, sem sequelas, são possíveis.

4 – *Após a libertação.* É fundamental que a pessoa liberta não afrouxe o seu ritmo de oração, nem a frequência aos sacramentos e mantenha uma vida cristã empenhada. Uma bênção, de tempos a tempos, não será supérflua. Porque acontece com bastante frequência que o demónio ataque, isto é, que tente voltar. Não precisa que ninguém lhe abra a porta. Contudo, mais do que de convalescença, poderíamos falar duma fase de consolidação, indispensável para assegurar a libertação.

Tive alguns casos de recaída: nos casos em que não houve negligência da parte do indivíduo, em que ele tinha continuado a manter um ritmo de vida espiritual intensa, a segunda libertação foi relativamente fácil. Pelo contrário, a partir do momento em que a recaída foi favorecida pelo abandono da oração ou, pior ainda, por se ter deixado cair num estado de pecado habitual, então a situação só piorou, tal como conta o Evangelho segundo Mateus (12,43-45): o demónio volta acompanhado de sete espíritos piores do que ele.

O leitor teve oportunidade de ficar com a noção de que o demónio faz tudo para dissimular a sua presença. Já o dissemos e repetimos. Esta observação ajuda (mas não o suficiente certamente) a distinguir a possessão de certas formas de doenças psíquicas, em que o doente faz tudo para chamar a atenção. O comportamento do demónio é exactamente ao contrário.

O testemunho de uma vítima

Não fui eu que escrevi este capítulo, mas é um testemunho de rara clareza. O exorcista pode ser o mais experiente do mundo, mas nunca se poderá pôr na pele dos possessos e sentir o que eles experimentam. A mais pequena infestação esconde sentimentos que o próprio paciente tem dificuldade em descrever. É portanto neste ponto que G.G.M. fez o seu melhor: tentou exprimir o inexprimível, esperando ser compreendido, acima de tudo, por aqueles que são vítimas dum mal idêntico.

Tudo começou depois dos meus 16 anos. Até aí eu era um rapaz feliz, sem problemas de maior e sempre alegre, embora uma certa opressão me perseguisse e me dissesse a toda a hora: «Vamos fazer isto, e tu?», «Vamos acolá e tu?» Não compreendia o porquê mas, naquela altura, isso não era problema para mim. Vivia numa aldeia marítima: o mar, o nascer do sol e o campo ajudavam-me extraordinariamente e não me permitiam cair na melancolia. Aos 16 anos mudei-me para Roma, deixei a Igreja e comecei a frequentar tudo o que numa grande cidade atrai um aldeão, isto é, as situações extremas que não existem numa aldeia. Travei rapidamente conhecimento com drogados, vagabundos, ladrões, raparigas fáceis, etc. Tinha uma certa pressa em aprender todos estes «barulhos» que me distanciavam imenso da paz que tinha tido antes. Comecei a viver esta nova dimensão artificial, trepidante, repugnante.

Tinha um pai extremamente severo que vigiava todos os meus movimentos e estava sempre aborrecido comigo. A soma de todas estas desgostos e de todas as humilhações que me fazia sentir, fez-me saltar como uma mola para a rua. Saí de casa, conheci a fome, o frio, a falta de dormir e a maldade. Contactei com mulheres fáceis e fiz «amigos da pesada». Em breve se me pôs uma questão sem resposta: «Para que é que eu vivo? Porque é que estou na rua? Porque é que estou assim enquanto outros têm a força para trabalhar e sorrir?»

Na altura dava-me com uma rapariga que acreditava que o mal era mais forte que o bem; ela falava de feiticeiros, de bruxos e escrevia coisas esquisitas. Eu achava que ela era muito inteligente porque era algo fora da capacidade dum ser humano escrever todas aquelas conjecturas sobre o mundo e a vida. Li todos os seus escritos, mais tarde ordenei-lhe que os queimasse diante de mim porque só falavam de mal e eu tinha algum medo de conservar aquelas folhas em casa. Esta jovem odiou-me terrivelmente sem eu saber realmente porquê. Tentei ajudá-la a sair daquele túnel negro, mas em vão: ela fazia troça de mim e do bem que eu lhe propunha.

Voltei para minha casa, meti-me com uma outra rapariga pior que a primeira e passei vários anos na tristeza, infeliz e desprezado por todos os que conhecia; rodeava-me uma espécie de obscuridade, tinha perdido o sorriso e as lágrimas estavam sempre prontas a inundar a minha cara. Estava desesperado e perguntei-me mais uma vez? «Por que vivo? Quem sou eu? Que faz o homem sobre a Terra?» Claro que isto não interessava a ninguém à minha volta e vi-me num momento de desespero intenso a exclamar com uma voz fraca no mais profundo de mim mesmo: «Meu Deus, estou perdido! Eis-me diante de Ti... ajuda-me!» Parece que fui escutado. Alguns dias depois a rapariga com quem eu an-

dava entrou para uma igreja, comungou e converteu-se num tempo recorde.

Fiz o mesmo para não ficar atrás, e encontrei uma igreja onde se preparava uma procissão dedicada à Virgem de Lourdes. Pediram-me ajuda para levar a imagem: embora envergonhado, aceitei, e até fiquei orgulhoso. Comunguei e fiquei surpreendido com a bondade e a compreensão do confessor.

Saí de lá dizendo para comigo: «Cheguei lá, voltei para o bem!» E mesmo que não soubesse o que era o bem, sentia que era assim. Algumas semanas depois ouvi falar de Medjugorje, onde a Virgem aparecia desde 1981. Parti imediatamente em companhia da minha amiga, impelido não sei por que prodígio que não sei descrever. Virámo-nos completamente para a Igreja, mudámos de vida, amando mais a Deus do que a nós mesmos, de tal forma que ela decidiu entrar para religiosa e eu pela minha parte pensei no sacerdócio. Não cabia em mim de alegria por finalmente ter uma razão para viver e por saber que a minha vida não acabava aqui.

Mas isto era apenas o início: alguém, com efeito, não estava de modo algum satisfeito com esta situação. Passaram-se vários anos. Depois voltei a Medjugorje e, de volta a Roma, comecei a aperceber-me do eco daquela obscuridade que envolvia a minha alma antes de descobrir Deus. No espaço de algumas semanas, aquela sensação que eu atribuí à opressão do meu pai, às condições desgraçadas em que eu tinha vivido por razões diversas e a um sofrimento que eu pensava ser comum a toda a gente, sem compreender que não era assim, esta sensação, dizia eu, tornou-se realidade. Comecei a sofrer como nunca, transpirava, tinha febre e todas as minhas forças me tinham abandonado, a ponto de não conseguir comer e de ser preciso darem-me a comida à boca. Tinha a sensação de sofrer com algo que não era o meu corpo e que, com efeito, parecia estranho a estes acontecimentos. Experimentei um desespero intenso e via, não

sei com que olhos, umas trevas que obscureciam não o quarto onde me encontrava ou a cama sobre a qual estava estendido há meses, mas o futuro, a possibilidade de vida, a esperança do amanhã. Estava como que morto por uma faca invisível e sentia que aquele que enterrava essa faca me odiava e desejava principalmente a minha morte. É muito difícil explicar por palavras, mas era exactamente como eu disse.

Ao fim de alguns meses, eu estava louco, já não estava no meu perfeito juízo e queriam levar-me para um manicómio. Já não sabia o que dizia porque então vivia numa outra dimensão: a do meu sofrimento. Estava como que separado da realidade. Era como se eu não estivesse presente no tempo senão pelo meu corpo, encontrando-se a minha alma algures, num lugar horrível onde a luz não penetra e onde a esperança não existe.

Estive longos meses assim, entre a vida e a morte e não sabia o que pensar. Perdi os amigos, os parentes e a compreensão da família. Eu estava para lá do mundo, eles já não me compreendiam e eu não podia pretender isso deles, sabendo muito bem o que tinha dentro de mim, mas que nunca seria capaz de descrever. Quase que esqueci Deus, e mesmo se me dirigia a Ele com choros e lamentos intermináveis, sentia-o longe de mim, a uma distância que não se media em quilómetros mas em negações: alguma coisa dizia não a Deus, ao bem, à vida, a mim mesmo. Tive vontade de me dirigir ao hospital, porque supunha que a minha febre persistente devia ter uma causa física, e que uma vez curada, eu me sentiria melhor, e depois, faria alguma coisa.

Em Roma, nenhum hospital me quis receber só por causa da febre e tive que andar 300 km. Durante vinte dias fizeram-me exames e análises de toda a espécie. Saí do hospital com um dossier clínico que fazia empalidecer de inveja um atleta. Segundo eles, eu estava são como um pêro, contudo

uma notazinha mencionava que não havia explicação para a febre nem para a cara entumecida e cadavérica.

Estava branco como a cal. Logo que saí do hospital, onde todos os meus males se tinham atenuado ligeiramente, entrei numa crise violentíssima, com vômitos; várias vezes sofri tudo o que é possível a um homem suportar e fui dar a um local desconhecido da cidade. Não sei como é que lá cheguei; as minhas pernas andaram sozinhas, os meus braços movimentavam-se independentemente da minha vontade, assim como o resto do meu corpo. Foi um sensação horrível: dava ordens aos meus membros que já não me obedeciam. Não desejo a ninguém uma experiência destas. E como se isto não fosse suficiente, a obscuridade voltou e desta vez estendeu-se ao meu corpo, além da minha alma. Via tudo como se fosse noite escura, embora estivesse em pleno dia. O meu sofrimento atingira o seu máximo. Comecei a gritar, a revolver-me no chão como se o fogo tivesse penetrado em mim, e invoquei a Virgem nestes termos: «Mamã, Mamã, tem piedade de mim... Mãe suplico-te! Santa Mãe dá-me a graça, porque morro!» As dores não se acalmaram e o sofrimento era de tal maneira desesperado que perdi mesmo o sentido da orientação e, agarrado às paredes, alcancei uma cabine telefónica. Consegui marcar o número encostando a cabeça ao vidro e ao aparelho. A única pessoa que eu conhecia respondeu-me, e veio buscar-me para me levar para Roma. Antes de chegar, compreendi, como por um sussurro externo que tinha estado a ver o inferno; não o tinha tocado, não tinha vivido lá dentro, tinha-o apenas visto ao longe. Esta experiência transformou muito mais a minha existência do que a conversão em Medjugorje.

Nesse momento eu não pensava na realidade ultraterrestre, mas explicava tudo por motivos psicológicos: desadaptação, pai opressivo, traumatismos infantis, choques emocionais, e várias outras coisas que, como num belo desenho,

explicavam muito bem o porquê dos acontecimentos. Tinha frequentado psicologia durante cinco anos, como autodidacta, e assim consegui definir um esquema segundo o qual era óbvio que sofresse. No dia da festa de N.ª Sr.ª do Bom Conselho (acreditava nela, por isso a invoquei), um religioso sugeriu-me que telefonasse a um responsável carismático que agia sob tutela dum bispo e que possuía o dom do conhecimento. Este disse-me: «Fizeram-te um bruxedo de morte para ferir o teu espírito e o teu coração e há oito meses comeste um fruto com malefício». Desatei a rir não acreditando em nada daquilo. Mas depois, ao reflectir sobre o assunto, senti reacender-se dentro de mim a esperança. Tinha-me esquecido dessa sensação e pensava no tal fruto e no que se tinha passado há oito meses atrás. «É verdade, disse eu, comi mesmo esse fruto.» E lembrava-me mesmo que não o queria comer, por uma repulsa instintiva em relação à pessoa que mo oferecia. Coincidia tudo: decidi então seguir o tratamento que me tinha sido aconselhado, isto é, as bênçãos.

Pus-me à procura dum exorcista, e depois de ter sido motivo de riso para padres e bispos e ter-me sujeitado às suas humilhações (descobrimo assim um aspecto da Igreja deturpada pelos seus próprios pastores), encontrei o Pe. Amorth. Lembro-me muito bem desse dia. Ignorava o que era uma bênção particular: pensava num sinal da cruz como aquele que faz o padre no fim da missa. Sentei-me, ele pôs-me a estola sobre os ombros e poisou uma das suas mãos sobre a minha cabeça: começou a rezar em latim e eu não percebi nada. Ao fim de alguns instantes, um suor fresco, mesmo gelado, saía-me da cabeça para o resto do corpo. Pela primeira vez desde há quase um ano a febre deixava-me. Não disse nada. Ele continuou e, a pouco e pouco, a esperança voltou a viver em mim, a luz do dia tornava-se luz, o cântico dos pássaros já não mais se parecia com o dos corvos e, os barulhos exteriores tornaram-se ruídos nor-

mais, perdendo o seu carácter obsessivo; com efeito vivia permanentemente com tampões nos ouvidos, porque o mais pequeno barulho me sobressaltava.

O Pe. Amorth disse-me que voltasse e, ao sair, experimentei uma vontade enorme de sorrir, de cantar e de me alegrar: «Que maravilha, pensava eu, acabou-se.» Era verdade, tudo o que eu tinha experimentado era verdade: era a raiva de «alguém» que me odiava e não loucura minha que me tinha causado todo este mal. «É verdade, repetia eu a mim mesmo, é tudo verdade.» Hoje passaram-se três anos, e progressivamente, bênção após bênção, voltei ao normal e descobri que a felicidade vem de Deus e não das nossas conquistas ou dos nossos esforços.

O mal, a dita pouca sorte, a tristeza, a angústia, as tremuras nas pernas, a tensão nervosa, a depressão nervosa, a insónia, o medo da esquizofrenia ou da epilepsia (tive efectivamente várias crises) e tantos outros males de que era vítima desapareceram com uma simples bênção. Faz agora três anos que acumulo provas sobre provas que me demonstram que o demónio existe, que age muito mais do que as pessoas podem pensar e que faz tudo para ficar escondido e nos persuadir de que estamos doentes disto ou daquilo, embora seja ele o autor de todos os nossos males, e que treme diante dum padre que ostente um hissope na mão.

Quis descrever estes acontecimentos, a fim de convidar os que lerem o meu testemunho a ter em conta este aspecto da nossa vida que eu infelizmente experienciei em cheio. Contudo estou muito feliz por Deus me ter permitido esta imensa prova, porque hoje começo a receber os frutos de tantos sofrimentos. A minha alma está mais pura e vejo agora o que antes não distinguia. Sobretudo estou menos céptico e mais atento à realidade que me rodeia. Eu pensava que Deus me tinha abandonado, quando Ele nunca tinha estado tão próximo de mim como nesses momentos, preparando-me para o encontrar.

Com este testemunho, quero também encorajar aqueles que estão doentes como eu estive a não desesperar, porque ainda que pareça evidente é preciso não acreditar, nem um segundo, nessa aparente evidência de que Deus nos abandona. Não é assim e, mais cedo ou mais tarde, acaba por se ter a prova disso. Basta perseverar, mesmo que leve anos. Devo contudo acrescentar uma coisa: as bênçãos têm um efeito tanto mais intenso quanto seja a vontade de Deus, e não dependem da vontade do exorcista nem do exorcizado. Segundo a minha própria experiência, esta intensidade depende muito mais do desejo de reconversão da pessoa do que das práticas exorcistas. A confissão e a comunhão equivalem a um grande exorcismo. Especialmente na confissão, sendo bem feita, experimentei um imenso alívio dos tormentos de que falei; e encontrei na comunhão uma doçura nova que nunca imaginei que pudesse existir.

Há muito tempo, antes de todos estes sofrimentos, confessava-me e comungava mas como não tinha nenhum incómodo não podia ver que me imunizava, se é que me posso exprimir assim. Agora sei-o e convido especialmente os «mornos» a acreditar que Deus está realmente presente à porta do confessionário e na hóstia que tantas vezes se recebe com grande distração. Convido igualmente os cépticos a *acreditar*, antes que «alguém» os force a fazê-lo, como me aconteceu a mim. Diriço-me por fim aos pobres, (porque ninguém é mais do que eles), aos possesores, aos odiados por Satanás, que se serve dos seus próprios conhecimentos para matar e oprimir. Não percam a fé, não desespere, não submetam a vossa vontade às sugestões violentas e aos fantasmas que o Maligno vos apresenta.

Porque essa é a sua verdadeira finalidade e não propriamente infligir sofrimentos ou fazer mal. Não visa a nossa dor mas algo mais, que é a destruição da nossa alma desesperada levando-nos a declarar: «Basta, sou um vencido, não passo dum joguete nas mãos do mal; Deus não é capaz de

me libertar. Deus esquece os seus filhos se lhes permite tais sofrimentos. Deus não me ama, o mal é mais forte do que Ele.» Isto é que é a verdadeira vitória do mal contra o qual nós devemos responder, mesmo quando a dor nos faz perder a fé: «Nós queremos querer a fé.» Nós queremos querer: esta vontade o demónio não a pode tocar porque é a nossa; porque não é nem a de Deus nem a do diabo mas é só nossa, porque Deus nos fez donos dela no momento da nossa criação. Devemos por isso dizer sempre não a quem quer que seja que deseje destruí-la e, devemos acreditar (como S. Paulo) que «ao nome de Jesus Cristo todo o joelho se dobra, nos Céus e na terra e nos infernos».

É a nossa salvação. Se não acreditamos nela com firmeza, o mal que nos é imposto, com malefícios ou feitiçarias, pode durar anos, sem haver melhoras. Eu, melhor que ninguém, estou em condições de afirmar e testemunhar àqueles que pensam ter enlouquecido e não vêem remédio, que, depois de muitas bênçãos, esse mal passa como se nunca tivesse existido. É por isso que não devemos ter medo, mas louvar a Deus pela cruz que Ele nos proporciona. Porque depois da cruz há sempre a ressurreição, como depois da noite vem o dia. Tudo foi criado desta maneira. Deus não mente e escolheu os seus predilectos para acompanharem Jesus até ao jardim de Getsemani, para o acompanharem na sua dor, para depois ressuscitarem com Ele.

Dedico este testemunho a Maria Imaculada, a fim de que ela faça frutificar para o bem dos meus irmãos na dor. Respondendo com o amor, o perdão, o sorriso e a bênção a todos aqueles que foram os instrumentos do diabo para me dar o martírio. Rezo para que o meu sofrimento lhes faça entrever a luz que eu próprio recebi gratuitamente do nosso maravilhoso Deus.

G.G.M.

Os efeitos do exorcismo

Se a pessoa tinha negatividades, quer estas se tenham manifestado de maneira específica quer não, durante o exorcismo, muitas vezes sente imediatamente os benefícios. Geralmente não se repara em que dia é que o exorcismo foi praticado: pode produzir sensações de bem-estar ou mal-estar, atordoamento ou sonolência, sensação de desmaio ou desaparecimento de dores. Nada disto tem importância. O que é importante é avaliar as consequências do exorcismo a partir do dia seguinte. Em certos casos o doente fica mal durante um ou dois dias, depois o seu estado melhora por algum tempo. Geralmente sente repentinamente um bem-estar que pode durar alguns dias ou até bastante tempo, segundo a gravidade do mal. Se um indivíduo não mostra nenhum sinal de negatividade durante a bênção e não observa nenhum efeito posteriormente, isso significa, na maioria dos casos, que não há a mínima negatividade e, então, a origem dos seus problemas é outra. Mas o exorcista pode convidá-lo a receber uma outra bênção se tem razões para suspeitar que o demónio está a tentar passar despercebido.

Além disso, é interessante notar o que se passa durante as bênções seguintes, tanto no que se refere ao comportamento do paciente no momento do exorcismo, como no que se refere às consequências dele. Pode acontecer, por vezes, que a influência maléfica, depois da primeira intervenção, já tenha mostrado toda a sua força. Assiste-se então a uma

progressiva diminuição dos fenómenos. Noutros casos, pelo contrário, é como se a perturbação maléfica se tentasse esconder e não aparecesse em toda a sua extensão senão a pouco e pouco. A seguir inicia-se a fase de regressão. Lembro-me, por exemplo, de um adolescente que, durante o primeiro exorcismo, só tinha dado pequenos sinais de negatividade e no segundo exorcismo começou a urrar e a agitar-se. Embora este caso tenha sido mais sério do que muitos outros, foram suficientes alguns meses de exorcismos para a libertação.

A colaboração do paciente tem um papel fundamental no sucesso do exorcismo. Costumo dizer que o efeito dos exorcismos influi 10% sobre o mal. Os outros 90% têm a ver com o paciente. Como é isso? Com muita oração, com o recurso aos sacramentos, com uma vida conforme às leis do Evangelho, com o uso dos sacramentais (falaremos mais adiante da água, do óleo e do sal exorcizados) fazendo com que outros rezem (as orações de toda uma família, duma comunidade paroquial ou religiosa, os grupos de oração, etc., são verdadeiramente eficazes) e mandando celebrar missas. As peregrinações e as obras de caridade também são muito úteis. Mas, antes de tudo, é preciso que o próprio reze com fervor e estabeleça uma relação íntima com Deus, de forma que a oração se torne habitual. Contactando muitas vezes com pessoas pouco familiarizadas com as práticas religiosas, verifiquei ser extremamente eficaz integrá-las activamente na paróquia ou num grupo de oração, particularmente nos do Renovamento.

A fim de demonstrar esta necessidade de colaboração, muitas vezes faço a comparação com a droga: trata-se de uma situação completamente diferente, mas que toda a gente conhece bem. Toda a gente sabe que um drogado se pode curar, mas com duas condições: é preciso ajudá-lo (inserindo-o numa comunidade terapêutica, ou doutra forma) porque sozinho não o faz. Por outro lado, ele deve colaborar

activamente, com o seu esforço pessoal, sem o qual qualquer ajuda é inútil. No caso que nos interessa, a ajuda pessoal é dada pelos meios que mencionámos. E, se o fruto directo do exorcismo, isto é, a libertação, é excessivamente lento, em contrapartida já assisti a conversões rápidas com a participação de famílias inteiras empenhadas numa prática cristã vivida de forma intensa, e reunidas numa oração em conjunto (muitas vezes o terço). Vi obstáculos à cura serem ultrapassados com uma enorme generosidade. Por vezes o obstáculo era uma situação matrimonial irregular; outras vezes o impedimento vinha da incapacidade de perdoar certas injustiças ou de conseguir reconciliar-se com pessoas, na maioria dos casos parentes próximos com os quais todo o contacto se havia cortado.

Convém chamar a atenção para o que constitui um dos preceitos evangélicos mais duros, e daí também a sua eficácia: o perdão concedido aos inimigos. No caso presente, os inimigos são, na maior parte das vezes, aqueles que fizeram o malefício e que em alguns casos ainda continuam a fazê-lo. Um perdão sincero, uma oração por eles e a celebração de missas em seu favor foram os meios que já permitiram desbloquear uma situação e acelerar a cura.

Citemos, entre os efeitos do exorcismo, a cura de males e de doenças muitas vezes consideradas incuráveis. Dores inexplicáveis, afectando diversas partes do corpo (especialmente, repetimos, a cabeça e o estômago) mas também doenças específicas diagnosticadas com precisão pelos médicos mas não curadas, ou declaradas incuráveis por estes. O demónio tem este poder de provocar a doença. O Evangelho fala-nos de uma mulher que o demónio trazia encurvada já há dezoito anos (deformação da coluna vertebral). Jesus cura-a expulsando o demónio tal como cura um surdo-mudo reduzido a esse triste estado por um malefício. Em várias ocasiões, Jesus cura pessoas que ficaram surdas e mudas por presenças maléficas. O Evangelho distingue

com muita precisão os doentes dos possessos, mesmo quando certas consequências parecerem idênticas.

Quais os doentes mais graves? Quais os mais difíceis de curar? Sei, por experiência, que são os que foram vítimas de bruxedos particularmente graves. Lembro-me, por exemplo, de vários casos de pessoas que tinham sido vítimas de feitiçaria no Brasil (a chamada «macumba»). Dei bênçãos a outros a quem os feiticeiros africanos tinham feito feitiços. Todos casos excessivamente complexos. Não esquecer os feitiços que visam famílias inteiras para as destruir. Por vezes é-se confrontado com situações tão complicadas que nem se sabe por onde começar. Às pessoas a quem periodicamente fazem novos feitiços também a cura se torna mais morosa: o exorcismo é mais forte que a feitiçaria, e embora a cura se verifique forçosamente um dia, pode ser retardada durante muito tempo.

Quem são os mais atingidos? Eu responderia, sem hesitação: os jovens. Basta pensar nas causas culpáveis que indicámos como ocasiões que se oferecem ao demónio para poder interferir numa pessoa, e veremos como hoje, com a falta de fé e de ideais, os jovens são os mais expostos a «experiências» desastrosas. Mesmo as crianças correm grandes riscos, não por culpa própria, mas por causa da sua fragilidade. Quantas vezes, ao exorcizar pessoas de meia-idade, vimos a descobrir que a presença demoníaca remonta à sua primeira infância, por vezes ao momento do nascimento, ou mesmo antes, durante a gestação.

Várias vezes me fizeram notar que me procuram mais mulheres do que homens para receber bênçãos. E acontece o mesmo com todos os exorcistas. Não se deve concluir daí que a mulher esteja mais exposta aos ataques do Maligno. Homens e mulheres estão igualmente expostos. A verdade é que as mulheres se dispõem muito mais a recorrer às bênçãos dum exorcista. Muitos homens, embora tenham a certeza de estar atingidos, não querem abeirar-se de um padre.

E conheci mais homens do que mulheres que quando lhes foi pedido que mudassem de vida recusaram. Nunca mais deram sinal de vida, mas estavam perfeitamente conscientes do seu mal. O obstáculo maior residia na passagem de uma prática de ateísmo confortável a uma fé vivida, ou duma vida de pecado para uma vida de graça.

Não vou esconder que *a cura deste mal requer um compromisso pessoal e uma vida cristã intensa*. Creio que é precisamente este um dos motivos por que Deus o permite. Quantas vezes ouvi os meus pacientes confessarem que a sua fé era fraca e a sua vida de oração quase inexistente. Aproximaram-se de Deus dedicando-se muitas vezes mesmo a um apostolado intenso, e vieram a reconhecer que essa aproximação se ficou a dever ao mal que os tinha atingido. Estamos muito mais agarrados a esta terra e a esta vida do que imaginamos. Pelo contrário, o Senhor vê mais longe e vela pelo nosso bem eterno.

Por seu lado o exorcista, ao dar as bênçãos, não se contentará com incitar o paciente a rezar e a empregar todos os outros meios já falados, mas procurará todos os meios possíveis para intimidar, enfraquecer e aniquilar o demónio. O Ritual preconiza que se insista nas expressões às quais o demónio reage mais, as quais variam segundo os indivíduos e os dias. Mas existem também outros procedimentos. Para uns é insuportável ser aspergidos com água benta; outros ficam exasperados com o sopro, que é um meio ao qual se recorre desde a época patrística, como refere Tertuliano; outros ainda não suportam o cheiro do incenso, pelo que é muito útil usá-lo; finalmente para outros é doloroso o som do órgão, da música sacra, do canto gregoriano. Trata-se de meios auxiliares de que já testámos a eficácia.

E como se comporta o demónio durante os exorcismos? A este respeito acrescentaria algo ao que já foi dito. O demónio sofre e faz sofrer. O sofrimento que ele experimenta durante o exorcismo é qualquer coisa de inimaginável. Um

dia, o Pe. Cândido perguntou a um demónio se havia fogo no inferno, um fogo que queime para o bem. O demónio respondeu-lhe: «Se tu soubesses que fogo tu és para mim, não me farias essa pergunta.» Certamente não se trata de fogo terrestre, provocado pela combustão de matérias inflamáveis. Mas apercebemo-nos de que o demónio se queima pelo contacto com objectos sagrados como crucifixos, relíquias ou água benta.

Aconteceu-me várias vezes ouvir o demónio reconhecer que sofria mais durante as bênçãos do que no inferno. E quando lhe perguntei: «Nesse caso por que não vais para o inferno?» ele respondeu-me: «Porque a mim, só me importa fazer sofrer esta pessoa.» Vê-se aqui a verdadeira perfídia diabólica: o demónio sabe que não vai tirar nenhum proveito disso, e que, pelo contrário, será castigado com um aumento da sua punição eterna por cada um dos sofrimentos que causa. Mas apesar disso, embora correndo o risco de perder com isso, não renuncia a fazer o mal pelo único prazer de fazer mal.

Os próprios nomes dos demónios indicam, tal como acontece com os Anjos, a sua função. Os principais demónios, como já referi, têm nomes bíblicos ou transmitidos pela tradição: Satanás ou Belzebu, Lúcifer, Asmodeu, Zabulão... Outros tomam nomes que designam mais precisamente a finalidade que se propõem atingir: Destruição, Perdição, Ruína,..., ou simplesmente males específicos: Insónia, Terror, Discórdia, Inveja, Ciúme, Luxúria,...

Quando deixam uma alma, os demónios, na maioria dos casos, são destinados ao inferno, mas outras vezes são mandados para o deserto (vê-se no livro de Tobite, a sorte de Asmodeu encadeado no deserto pelo Arcanjo Rafael). Eu obrigo-os sempre a ir aos pés da cruz para receber o destino que Jesus Cristo, o único Juiz, lhes tem reservado.

Água, óleo, sal

De todos os meios a que os exorcistas (e não só) recorrem com frequência, citamos, em primeiro lugar, a *água exorcizada* (ou pelo menos benzida), o *azeite* (de azeitona) *exorcizado* e o *sal exorcizado*. Qualquer sacerdote pode rezar as orações do Ritual para exorcizar estes três elementos, não sendo necessária nenhuma autorização especial. Mas *é muito útil conhecer o uso específico destes três sacramentais* que, usados com fé, são de uma enorme utilidade.

A *água benta* ocupa um lugar fundamental em todos os ritos litúrgicos. A sua importância leva-nos de novo à aspersão baptismal. Durante a oração de bênção, pede-se ao Senhor para que a aspersão desta água nos traga os três benefícios seguintes: o perdão dos nossos pecados, a defesa contra as ciladas do Maligno e o dom da protecção divina.

A oração de exorcismo da água proporciona outros tantos efeitos: afugentar todo o poder do demónio, desarraigá-lo e expulsá-lo. Também na gíria popular, quando se quer indicar duas coisas absolutamente opostas, diz-se que são como o diabo e a água benta. Em seguida, a oração continua, sublinhando outros efeitos além de expulsar os demónios: curar doenças, aumentar a graça divina, proteger as casas e todos os locais onde os fiéis moram, de toda a influência imunda causada pelo pestilento Satanás. E ainda: que as ciladas do demónio infernal sejam vencidas e que a serenidade e a saúde dos habitantes sejam protegidas de toda a eventual presença nociva, susceptível de perigar a paz dos habitantes, a fim de gozarem de serenidade e saúde.

O *óleo exorcizado*, utilizado com fé, permite igualmente

enfraquecer o poder dos demónios, os seus ataques e os fantasmas que suscitam. Recupera também a saúde da alma e do corpo. Lembremos simplesmente o antigo costume de ungir as feridas com óleo e o poder que Jesus conferiu aos Apóstolos de curar os doentes pela imposição das mãos e a unção com óleo. O óleo exorcizado tem, além disso, a propriedade específica de libertar o corpo do malefício. Aconteceu-me muitas vezes abençoar pessoas que tinham sido vítimas de bruxaria comendo ou bebendo qualquer coisa maléfica. É fácil compreender aquele mal de estômago de que já falámos ou ainda o facto de estas pessoas terem uma tendência para vomitar ou para terem manifestações de soluços ou de arrotos especialmente em encontros de carácter religioso: quando vão à igreja, quando rezam, mas, sobretudo, quando são exorcizadas. Nesses casos o organismo, para se libertar, deve expelir tudo o que tem de maléfico. O óleo exorcizado ajuda muito a despegar e a libertar o corpo dessas impurezas. Pode também beber-se água benta com esta finalidade.

Convém mencionar alguns pormenores relativos à ingestão de água benta, nos quais, para quem não está acostumado a estes fenómenos ou que nunca assistiu a nenhum, será difícil de acreditar. Que coisas é que são expulsas? Por vezes saliva espessa e espumosa; outras vezes uma espécie de papa branca e granulosa. Outras ainda objectos dos mais variados: pregos, pedaços de vidro, bonequinhas pequenas em madeira, fios de corda com nós, fios de ferro enrolados, fios de algodão de diferentes cores, coágulos de sangue... essas coisas por vezes são expulsas pelas vias naturais; mas a maior parte das vezes... vomitando. Repare-se que isso não provoca nunca o mínimo perigo ao organismo (que pelo contrário fica aliviado), mesmo que se trate de bocados de vidro cortantes. O Pe. Cândido tinha uma pequena vitrine cheia deste tipo de objectos, expulsos por diversas pessoas. Noutros casos a expulsão permanece um mistério: a

pessoa sente por exemplo uma dor abdominal, como se tivesse um prego no estômago, depois encontra um prego no chão, ao seu lado, e a dor desaparece. Tem-se a impressão de que todos estes objectos se materializam exactamente no instante em que são expulsos. O Pe. Cândido afirmou durante uma entrevista «vi pessoas deitar bocados de vidro, de ferro, cabelos, ossos, algumas vezes pequenos objectos em plástico tendo a forma de uma cabeça de gato, de leão ou serpente. Estes objectos estranhos têm certamente uma ligação com a causa que determinou a possessão diabólica».

O *sal exorcizado* serve também para expulsar os demónios e para preservar a saúde da alma e do corpo. Mas uma das suas propriedades específicas consiste em proteger os lugares das influências ou presenças maléficas. Habitualmente, nestes casos, aconselho a espalhar o sal exorcizado sobre a soleira da porta da casa e nos quatro cantos da divisão ou divisões que se suspeita estarem infestadas.

O «mundo católico incrédulo» rir-se-á talvez perante estas afirmações. A verdade é que a acção dos sacramentais é tanto mais eficaz quanto maior for a fé. Sem ela muitas vezes são ineficazes. O Vaticano II, retomando os termos do Direito Canónico (can. 1166), define-os como «os sinais sagrados com os quais por uma certa imitação dos sacramentos têm significado e obtêm efeitos especialmente espirituais, pela intercessão da Igreja». Quem os utilizar com fé obtém resultados inesperados. Sei de muitos males rebeldes aos medicamentos que desapareceram unicamente porque o interessado tinha feito sobre ele um sinal da cruz com óleo exorcizado.

No que se refere às casas (de que falaremos à parte) é particularmente eficaz queimar *incenso benzido*. O incenso foi sempre considerado, mesmo junto dos povos pagãos, como um antídoto contra os espíritos malignos e um meio de louvar e adorar a divindade. Embora o seu emprego li-

túrgico seja extremamente reduzido, continua a ser um meio eficaz de louvar a Deus e de lutar contra o Maligno.

O Ritual contém uma bênção especial para as *roupas*. Constatámos várias vezes a eficácia sobre pessoas incomodadas por presenças diabólicas. Por outro lado, isto constitui um *teste* para determinar se a pessoa é ou não vítima de presenças diabólicas. Também é útil saber isto. Nós, os exorcistas, somos muitas vezes consultados por pessoas (pais, noivos...) que suspeitam que um dos seus próximos seja vítima do demónio, mas infelizmente essa pessoa não acredita nessas coisas, muitas vezes não tem qualquer fé religiosa e não está disposta de modo nenhum a receber a bênção dum padre. O que fazer nestes casos?

Acontece por vezes que, tendo sido benzidas algumas das suas roupas, a pessoa em questão despe-as imediatamente após as ter vestido, não suportando o contacto com elas. Já demos um exemplo anteriormente. Também se pode fazer o teste da água benta. Por exemplo, uma mãe suspeita dum filho ou do marido, prepara para todos a sopa feita com água benta; ou usa-a no chá ou no café. A pessoa que é vítima pode achar este alimento amargo ou intragável mas sem saber porquê.

No entanto, chamamos a atenção para o facto de estes testes poderem ser reveladores nos casos positivos: isto é, se uma pessoa é sensível ao facto de a água estar ou não benzida, poderá ser sintoma de uma presença maléfica. Porém o raciocínio inverso não é concludente: o facto de uma pessoa não reagir a este tipo de testes não permite excluir a possibilidade de ter uma presença maléfica. O demónio faz tudo para não ser descoberto.

Mesmo durante os exorcismos, o demónio procura esconder-se, como já referi, e o Ritual põe, inclusivamente, de sobreaviso o exorcista contra os fingimentos diabólicos. Por vezes o demónio ou não responde ou dá respostas estúpidas, não atribuíveis a um espírito inteligente como ele é.

Outras vezes finge ter saído do corpo do possesso e ter deixado de o perturbar, esperando assim evitar que a pessoa procure bênçãos do exorcista. Outras vezes impede, por todos os meios, que a pessoa se submeta aos exorcismos. Poderão ser obstáculos físicos ou, na maior parte das vezes, psíquicos que fazem com que o paciente não compareça ao encontro com o exorcista no dia marcado, a não ser que seja forçado por um parente ou amigo. Outras vezes finge os sintomas de uma doença, quase sempre psíquica, para dissimular a realidade da sua presença e fazer crer que a pessoa sofre de uma doença natural. Outras, ainda, o paciente tem sonhos ou visões em que tem a ilusão de que o Senhor, a Virgem Santíssima ou qualquer Santo o libertou, facto que o leva a anular a sua marcação com o exorcista, dizendo-lhe, eventualmente, já estar liberto.

Os sacramentais indicados, além da ajuda específica própria de cada um, servem também para desmascarar, pelo menos parcialmente, as diversas ciladas do Maligno. Estas ciladas são muito numerosas e é preciso rezar muito para obter a graça do discernimento. Citemos, entre os casos mais frequentes: os que julgam ter visões ou ouvir vozes interiores; os que se abandonam a um misticismo falso ou se fazem passar por «videntes». Quando não se trata de doença psíquica, estes casos são muitas vezes o fruto de engano do demónio.

Termino este capítulo com um episódio relacionado com a água benta. Um dia o Pe. Cândido ia exorcizar um possesso. O sacristão aproximou-se dele com o recipiente da água e o hissope. O demónio disse-lhe imediatamente: «Lava o focinho com esta água!» Só então o sacristão se lembrou que tinha enchido o reservatório na torneira, mas que se tinha esquecido de mandar benzer a água.

O novo *Ritual de Bênçãos*, obrigatório desde 1 de Abril de 1993, mudou a fórmula, mas certamente não lhe alterou os efeitos, embora já não venha indicado explicitamente.

Exorcizar as casas

Não se encontra nenhum exemplo de exorcismo de casas na Bíblia, mas a experiência prova que é necessário em certos casos, e os resultados obtidos são satisfatórios. Mesmo o Ritual não prevê esta forma de exorcismo. Na verdade, o final do exorcismo de Leão XIII preconiza a bênção dos lugares onde esta oração é recitada, embora todo o seu conteúdo tenda a invocar a protecção de Deus para a Igreja contra os espíritos malignos, sem nenhuma referência aos lugares.

Devo precisar que nunca vi locais invadidos por espíritos como certos filmes ou romances descrevem a esse respeito, sobretudo quando se referem a velhos castelos desabitados. Os seus autores tinham, evidentemente, como único objectivo apresentar cenas espectaculares e impressionantes, não se baseando em nenhum estudo sério. Por outro lado, é-se muitas vezes confrontado com barulhos, por vezes semelhantes a crepitação, outras a pancadas, outras vezes tem-se a impressão de uma presença, de se estar a ser fixado, tocado ou atacado. É evidente que, nestes casos, pode haver uma grande parte de sugestão, o medo que dá forma às sombras.

Mas há casos muito mais complexos de portas que se abrem e fecham a uma determinada hora; passos que ressoam nos corredores; objectos que se deslocam ou desaparecem para reaparecer depois nos lugares mais estranhos; animais que não se vêem mas se sentem movimentar.

Lembro-me de uma família em que todos os membros, a

determinada hora, ouviam a porta de entrada abrir-se, depois um barulho de passos pesados (de homem) atravessando o corredor antes de se desvanecerem numa divisão, ninguém sabia qual. Um dia em que estava presente um dos seus amigos, o barulho habitual fez-se ouvir claramente, a ponto de este amigo perguntar quem tinha entrado. Para não o aterrorizar responderam-lhe que se tratava de um hóspede de passagem. Ouvi falar da materialização de insectos, de gatos e de serpentes. Um dos meus pacientes encontrou mesmo um sapo vivo na sua almofada!

A maior parte das vezes uma presença maléfica manifesta-se num local provocando problemas físicos: insónias, dores de cabeça ou de estômago, um mal-estar geral que não se sente em mais nenhum lugar. Então torna-se fácil controlar estes fenómenos embora nem sempre seja fácil determinar a causa. Vejamos, por exemplo, o caso de uma pessoa que, cada vez que é convidada para ir a casa de um parente próximo ou amigo, experimenta as mais variadas sensações de insónia, mal-estar, dores de cabeça... que podem durar vários dias e desaparecem assim que a pessoa vai embora. Neste caso há um controlo fácil. A causa, contudo, pode ser extremamente variável.

Pode tratar-se de pura e simples sugestão, quando razões válidas o fazem supor, como é o caso de uma nora que vai a casa da sogra que se opôs ao seu casamento ou que nutria um amor possessivo pelo filho, mas também se pode tratar de causas maléficas.

Assinalamos que é interessante notar o comportamento dos animais domésticos face a estes fenómenos. Quando se sente a presença de alguém na divisão onde se encontram, vê-se muitas vezes o cão ou o gato da casa fixarem os olhos num determinado ponto, ou fugirem bruscamente, aterrorizados, como se esse ser misterioso se aproximasse deles. Poderia contar vários acontecimentos interessantes a quem desejasse estudar este aspecto mais em detalhe, mas deixo

apenas a ideia de que, segundo a minha perspectiva, os animais não distinguem nada de concreto, mas são mais sensíveis do que o homem a uma eventual presença. Não nego, portanto, que o seu comportamento pode constituir um elemento determinante para decidir se convém exorcizar uma casa ou não.

O essencial, quando se recebem pessoas angustiadas por este tipo de fenómenos, é interrogá-las bem e, se for caso disso, exorcizá-las. Na maioria dos casos os fenómenos mencionados não são devidos a presenças maléficas nas casas, mas a presenças maléficas nas pessoas. Aconteceu-me muitas vezes não obter nenhum sucesso ao exorcizar a casa e depois, à medida que exorcizava a pessoa, ou as pessoas, constatar que as manifestações na casa diminuíam, e acabavam por desaparecer completamente.

Como se exorciza uma casa? O Pe. Cândido e eu próprio aplicamos o método do Ritual. Este contém uma dezena de orações em que se pede ao Senhor que proteja os lugares contra as presenças maléficas e que se encontram nas bênçãos das casas, escolas, etc. Rezamos algumas delas, depois lemos a primeira parte do primeiro exorcismo destinado às pessoas, mas adaptando-as à casa. Benzemos em seguida cada divisão, como fazemos na bênção da casa, e fazemos o mesmo percurso com o incenso benzido. Terminamos com outra oração. Encontrei uma eficácia especial ao celebrar a Missa nas casas, depois de as ter exorcizado.

Quando os incómodos são de pouca importância, um só exorcismo é suficiente. Quando é causado por um malefício e este é renovado, convém repetir também o exorcismo até que a casa se torne «impermeável» aos malefícios. Nos casos mais graves, as dificuldades são numerosas. Tive por exemplo que exorcizar apartamentos nos quais durante muito tempo se tinham realizado sessões de espiritismo ou que tinham sido habitados por feiticeiros que faziam magia negra. No entanto, o pior era quando tinham sido lá celebra-

dos cultos satânicos. Em alguns casos a gravidade dos problemas e a dificuldade em obter uma libertação completa, foram de tal ordem, que aconselhei os meus pacientes a mudar de casa.

Noutros casos menos graves, as orações foram suficientes para restabelecer a paz. Uma família que era incomodada por inexplicáveis barulhos nocturnos mandou celebrar dez missas e, depois disso, os barulhos diminuíram consideravelmente. Mandou ainda celebrar mais dez missas e a seguir os barulhos desapareceram totalmente. Seriam almas do purgatório que por permissão divina se puderam fazer ouvir para pedir sufrágios? É difícil garantir. Apenas queria aqui assinalar este facto com o qual já fui confrontado várias vezes. Don Pellegrino Ernetti, o mais célebre exorcista de Trivenetto, também muito conhecido como estudioso de música e da Bíblia, teve experiência de casos excessivamente graves. Em casa de uma família, portas e janelas perfeitamente fechadas abriam-se e fechavam-se, cadeiras voavam, armários rangiam, enfim aconteciam todos os absurdos. O padre decidiu resolver este caso empregando simultaneamente os três sacramentais a que os exorcistas recorrem constantemente. Aconselhou a misturar num recipiente qualquer (chávena, copo...) água, óleo e sal exorcizados. Depois recomendou deitar todas as noites uma colher da mistura na sacada de todas as janelas e nas bases de todas as portas, rezando um Pai Nosso de cada vez.

O remédio foi extraordinário. A família parou com este uso e passado uma semana, os inconvenientes recomeçaram a importunar a calma doméstica, para voltarem a desaparecer depois de se reaplicar o mesmo remédio.

No que se refere aos animais domésticos já me têm perguntado se eles poderiam ser incomodados pelo demónio e, em caso afirmativo, o que se deveria fazer. O Evangelho relata-nos a história daquela legião de demónios que pediu a Jesus autorização para entrar nas duas varas de porcos; de-

pois de obterem uma resposta positiva, todos os animais se precipitaram no lago de Genesaré onde se afogaram. Conheço o caso de um exorcista incompetente que mandou a um demónio que fosse apossar-se do porco duma família de camponeses: o animal ficou imediatamente em fúria e despedaçou a dona. Inútil será dizer que o mataram imediatamente.

Trata-se portanto de um caso esporádico que levou imediatamente à morte do animal. Contaram-me que um bruxo se servia do gato para levar objectos maléficos ao destino; eu diria que neste caso o possesso era o dono, não o animal. O gato é considerado um animal que «absorve os espíritos» e diz-se, muitas vezes, que os espíritos maléficos se tornam visíveis sob a forma de gato. Para certos bruxos e em certos tipos de magia, o uso de um gato é fundamental. Mas este simpático animal não é minimamente responsável por isso.

Digamos, portanto, que a infestação de animais também é possível e que é permitido benzê-los a fim de os libertar. Mas em todos os casos de infestação (lugares, objectos, animais), como de resto em todos os outros casos, o exorcista deve conhecer os fenómenos de origem paranormal. Esses conhecimentos são indispensáveis para evitar toda a ambiguidade. Infelizmente, não há ocasião de nesta obra se falar disso mais alongadamente.

Para terminar, recordamos que, já nos primeiros séculos, os cristãos também exorcizavam as casas, os animais e os objectos. Entre outros, Orígenes testemunha este facto. Justamente, como já fizemos notar, o Catecismo da Igreja Católica fala de exorcismos não só para as pessoas, mas também para os objectos (can. 1673).

O malefício

Falámos já do malefício como sendo um fenómeno pelo qual uma pessoa inocente pode ser incomodada pelo demónio. Sendo este caso o mais vulgar, convém tratá-lo à parte. Esforçar-me-ei igualmente por precisar os termos usados, uma vez que não existe uma terminologia universalmente aceite. Cada autor deve, portanto, precisar o sentido que dá às palavras.

Para mim, a palavra *malefício* é um termo genérico. Designa normalmente o facto de «prejudicar outras pessoas através da intervenção do demónio». É uma definição exacta que, no entanto, não especifica de que forma é que tal mal é provocado. Daí as confusões. Assim, alguns autores consideravam o malefício como sinónimo de bruxaria ou de feitiçaria. Penso, pelo contrário, que a bruxaria e a feitiçaria constituem duas formas diferentes de realizar um malefício. Sem pretender fazer um estudo exaustivo, e fundamentando-me unicamente em casos com que me defrontei, analisarei as seguintes formas de malefício: 1.º a magia negra, 2.º as maldições; 3.º o mau olhado; 4.º os bruxedos (também chamados trabalhos ou despachos). Trata-se de formas diferentes, mas não completamente distintas, porque as interferências entre elas são inúmeras.

1.º – *A magia negra, a feitiçaria, os ritos satânicos que têm o ponto culminante nas missas negras.* Reagrupa estas práticas por causa das analogias que existem entre elas. Na verdade inumerei-as por ordem de gravidade. Têm como características comuns fazer malefício a uma determinada

pessoa por intermédio de fórmulas mágicas ou ritos, por vezes muito complexos, invocando o demónio mas não fazendo uso de objectos particulares. Aquele que se dedica a tais práticas torna-se servidor de Satanás, mas por sua própria culpa; só nos referiremos a eles como meios para realizar malefícios com o fim de prejudicar outras pessoas.

Já a Sagrada Escritura é muito peremptória na proibição destas práticas, que considera como um renegar a Deus para se entregar ao demónio: «Não haja ninguém no meio de ti que faça passar pelo fogo (sacrifícios humanos) o seu filho ou a sua filha ou se dê a práticas de encantamentos, ou se entregue a augúrios, à adivinhação ou à magia, ao feiticismo, ao espiritismo, aos sortilégios ou à invocação dos mortos. Porque o Senhor abomina aqueles que se entregam a semelhantes práticas» (Dt 18,10-12). «Não vos dirijais nunca aos adivinhos, nem aos bruxos; para que não vos contamineis por meio deles. Eu sou Senhor, vosso Deus» (Lv 19,31). «Todo o homem ou mulher que evoque os espíritos ou se entregue à adivinhação será morto; será apedrejado, merece castigo» (Lv 20,27; cf. Lv 19,26-31). O livro do Êxodo também é muito severo: «Não deixarás viver os feiticeiros» (Ex 22,17). Também noutros povos a magia era punida com a morte. Mesmo se nestes extractos os termos em questão foram traduzidos de várias formas (e variam segundo as traduções), o conteúdo é muito claro. Voltaremos a falar de magia num capítulo posterior.

2.º – *As maldições*. São agoiros de mal, e a origem do mal está no demónio. Quando são realizados com verdadeira perfídia e existe uma ligação de sangue entre o que maldiz e o maldito, as consequências podem ser horríveis. Os casos mais frequentes e mais graves com que me confrontei foram as maldições dirigidas pelos pais ou avós aos seus filhos ou netos, pois a ligação e autoridade daqueles para com estes é única. Tem-se verificado que a maldição é mui-

to grave se se refere à sua existência ou se é feita por ocasião de acontecimentos particulares, como por exemplo no dia do casamento.

Vejam os três exemplos típicos. Acompanhei um jovem que tinha sido amaldiçoado pelo pai desde o nascimento (claro que não suspeitava disso) e que tinha sido alvo de maldições durante a infância e todo o período em que viveu em casa dos pais. Conheceu toda a espécie de adversidades: problemas de saúde, dificuldades incríveis no sector profissional, infelicidade no casamento, aparecimento de doenças nos seus filhos... Segundo a minha opinião, as bênçãos trouxeram-lhe um alívio espiritual, mas não me parece que tenhamos conseguido mais do que isso.

Um segundo exemplo: os pais eram contra o casamento da filha com o rapaz que ela amava. Dando-se conta da inutilidade dos seus esforços, resignaram-se e assistiram ao casamento. No dia da celebração, o pai chamou a filha à parte sob um pretexto qualquer. Na verdade ele amaldiçoou-a, desejando-lhe a ela, ao marido e aos filhos as piores infelidades que, efectivamente, se verificaram, apesar de intensa oração e bênçãos.

Ainda mais um exemplo: um dia, um senhor veio consultar-me. Levantando as calças, mostrou-me as pernas, terrivelmente marcadas por uma série de operações, e começou a contar-me como é que isso aconteceu. O pai era muito inteligente; a mãe dele, sua avó, portanto, queria muito que ele fosse sacerdote, mas ele não se sentia à altura. As discussões eram de tal ordem que o jovem teve que sair de casa. Prosseguiu com sucesso os estudos superiores, foi muito apreciado no seu trabalho, casou-se, teve filhos, mas tudo isto depois de ter cortado relações com a mãe, que não queria voltar a vê-lo, fosse sob que pretexto fosse. Quando um dos filhos, que era este que me falava, fez oito anos, tiraram-lhe uma fotografia (que trazia consigo e que me mostrou): um belo rapaz com um sorriso encantador, usando

uns calções, joelhos à mostra, meias altas, segundo a moda da época. O pai teve, então, uma ideia infeliz: pensando que esta imagem iria tocar a mãe e que ela se reconciliaria com ele, enviou-lhe a fotografia. A mãe respondeu-lhe com estas palavras: «Que as pernas desta criança sejam para sempre amaldiçoadas, e se tu alguma vez voltares à terra, fica sabendo que morrerás na cama em que nasceste.» Tudo isto aconteceu.

O pai voltou à terra somente alguns anos depois da morte da sua mãe; mas adoeceu repentinamente e foi levado provisoriamente para a sua casa natal, onde morreu nessa mesma noite.

3.º – *O mau olhado*. Trata-se de um malefício feito a uma pessoa por intermédio do olhar. A ideia de que certas pessoas transmitem malefício ao olhar para alguém de esguelha não constitui, como algumas pessoas pensam, um mau olhado; isso são histórias. O mau olhado é um verdadeiro malefício que supõe a intenção de prejudicar uma pessoa com intervenção do demónio. O que tem de específico é o meio utilizado para levar a cabo esta acção nefasta: o olhar. Só fui confrontado com alguns casos raros e pouco claros, ou seja, o efeito maléfico era claro, embora não fosse claro nem o autor, nem se o meio utilizado fora apenas um simples olhar. Aproveito esta ocasião para dizer que muitas vezes não se consegue identificar o autor do malefício nem conhecer a origem do mal. O importante é que a vítima não comece a suspeitar desta ou daquela pessoa, mas que *perdoe de todo o coração e reze por aquele que lhe fez mal*, quem quer que tenha sido.

No que respeita ao mau olhado, concluo dizendo que o fenómeno em si é possível, mas que nunca encontrei casos seguros.

4.º – *O bruxedo (também chamado trabalho ou despacho)*. É de longe o meio mais empregue para fazer malefí-

cios. É a acção de fazer ou confeccionar um objecto com a ajuda dos mais estranhos e variados materiais. Este objecto reveste-se assim de um valor quase simbólico: é um sinal sensível da vontade de prejudicar e um meio oferecido a Satanás para que imprima nele a sua força maléfica. Diz-se muitas vezes que Satanás é o macaqueador de Deus. Neste caso, podemos estabelecer a analogia com os sacramentos, que são caracterizados por uma matéria tangível (como por exemplo a água no Baptismo) como instrumento de graça. No caso da bruxaria, o material é utilizado com a finalidade de prejudicar.

Existem duas formas distintas de aplicar o bruxedo à pessoa designada: directa ou indirectamente.

O *modo directo* consiste em preparar propositadamente para a vítima uma bebida ou um alimento em que foi misturado o bruxedo. Este é composto pelos ingredientes mais diversos: sangue de menstruação, ossos de mortos, diversos pós geralmente negros (queimados), órgãos de animais – essencialmente o coração –, ervas especiais... Contudo o efeito maléfico não depende tanto dos materiais utilizados, mas da vontade de prejudicar através da intervenção do demónio, e essa vontade vem reflectida nas fórmulas ocultas pronunciadas durante a preparação destas misturas. É característico que a vítima dum tal malefício sofra, entre outras coisas, de dores de estômago, bem conhecidas dos exorcistas, e que só se curam depois de se ter libertado o estômago por meio de vômitos repetidos ou de muita evacuação, em que são expelidas as coisas estranhas.

O modo chamado *indirecto* (utilizo aqui os termos empregues pelo Pe. La Grua no seu livro, citado na Introdução) consiste em fazer um malefício sobre os objectos que pertencem à pessoa designada como vítima (fotografias, roupas ou outros objectos pessoais), ou sobre figuras que a representam: bonecos, estatuetas, animais, ou até pessoas, vivas, do mesmo sexo e idade. Trata-se de material de tres-

passa que é marcado com os males correspondentes aos que se desejam infligir à pessoa em questão. O facto de espetar espinhos na cabeça duma boneca constitui um exemplo clássico deste rito satânico. A vítima sofre de dores de cabeça horríveis a propósito das quais declara: «É como se a minha cabeça tivesse sido atravessada por espinhos pungentes.» Podem igualmente espetar pregos, facas nos locais do corpo que se quer martirizar. E a pobre vítima sente sistematicamente dores lancinantes precisamente nesses locais. Os sensitivos (de que falaremos mais à frente) dizem muitas vezes: «Você tem um grande espinho que a atravessa dali até ali» e em seguida indicam o ponto exacto. Conheci casos em que as pessoas foram libertadas desses males depois de lhe terem sido retirados espinhos longos e estranhos, constituídos por uma matéria semelhante ao plástico ou por madeira flexível, saídos das partes designadas. Na maioria dos casos a libertação é acompanhada das coisas mais diversas: fios de algodão coloridos, fitas, pregos, fios de ferro retorcidos.

O bruxedo realizado sob a forma de «*amarração*» merece uma explicação à parte. Neste caso, a figura utilizada no *trespasse* recebe amarração especial com cabelos ou tiras de tecidos de diferentes cores (essencialmente branco, negro, azul ou vermelho, consoante o tipo de mal a infligir). Damos um exemplo: uma boneca ligada com crina de cavalo desde o pescoço até ao umbigo com a finalidade de prejudicar o bebé de uma mulher grávida. Esta operação tem por objectivo fazer nascer um ser disforme, isto é, que não se desenvolva naquela parte do corpo compreendida na amarração. As consequências, contudo, foram menos graves do que era suposto. As amarrações exercem acção especialmente sobre o desenvolvimento de várias partes do corpo, mas sobretudo sobre o desenvolvimento mental: algumas vítimas sentem-se incapacitadas nos seus estudos ou no trabalho, e não podem adoptar um comportamento nor-

mal porque receberam influência de amarrações a nível do cérebro. Assim, os médicos tentam, em vão, identificar e curar esta doença.

Refiro ainda brevemente um outro caso muito frequente. A existência de bruxedos é muitas vezes atestada pela descoberta de objectos estranhos nas almofadas e nos colchões. Poderia descrever uma infinidade de factos de que fui testemunha e nos quais não teria acreditado se eu próprio não os tivesse visto. Encontra-se de tudo: fitas coloridas atadas, mechas de cabelo bem atados, cordas cheias de nós, lã fortemente entrançada por uma força sobre-humana, em forma de coroa ou de animal (especialmente ratos), ou de figuras geométricas; ou ainda coágulos de sangue, pedaços de madeira ou de ferro, fios de ferro enrolados, bonecas cobertas de marcas ou de feridas, etc. Acontece, por vezes, formarem-se nos cabelos de mulheres ou de crianças nós muito enriquecidos. Todos estes fenómenos não se explicam sem a intervenção de uma mão invisível.

Também acontece, por vezes, que estes objectos estranhos não se encontrem logo ao abrir as almofadas ou os colchões; mas depois de se aspergir com a água exorcizada ou introduzir qualquer imagem benzida (um crucifixo ou uma imagem da Virgem Maria, por exemplo), então aparecem os objectos mais estranhos.

Antes de concluir, insisto de novo nas recomendações feitas pelo Pe. La Grua na sua obra citada anteriormente. *Embora o que eu escrevi se fundamente na minha experiência directa, não é necessário acreditar ingenuamente nos malefícios, particularmente nos que são feitos sob a forma de um feitiço.* Trata-se sempre de casos raros. Um exame atento dos factos revela muitas vezes que causas psíquicas, sugestões, falsos medos estão na origem de inconvenientes lamentáveis.

Acrescentarei que, muitas vezes, os malefícios não atingem a sua finalidade por várias razões: porque Deus não o

permite; porque a pessoa visada está bem protegida por uma vida de oração e de união com Deus; porque um grande número de bruxos são incapazes ou simples aldrabões; porque o demónio é o mesmo «mentiroso desde o princípio» e engana os seus próprios seguidores. Seria um gravíssimo erro viver no terror de receber um malefício. Não está indicado em nenhum lugar na Bíblia que é preciso ter medo de um demónio. Diz-se, sim, que devemos resistir-lhe, ficando com a certeza de que ele fugirá de nós (Tg 4,7); diz-se que devemos estar vigilantes contra os seus ataques e sólidos na fé (1Pe 5,9). Beneficiamos da graça de Cristo que esmagou Satanás com a sua cruz; temos a intercessão de Maria Santíssima, inimiga de Satanás desde o início da humanidade; temos o apoio dos anjos e dos santos. Sobretudo temos o sinal da Trindade que nos foi impresso no Baptismo. Se vivermos em comunhão com Deus, o demónio e o inferno inteiro é que tremem diante de nós. A não ser que lhe abramos a porta...

Uma vez que o malefício é a forma de influência diabólica mais clássica, enunciarei alguns conceitos suplementares fundamentados na minha experiência.

O malefício pode revestir várias formas em função do seu objectivo. Pode tratar-se de um malefício de divisão se a sua finalidade é separar esposos, noivos ou dois amigos. Fui várias vezes confrontado com separações de noivos sem motivos aparentes; na verdade não voltaram a aproximar-se apesar de se amarem. Um dos pais, hostil à ideia do casamento, confessou que procurou um bruxo para os fazer separar. Pode tratar-se também dum malefício de *amarração* (*também chamado de encantamento ou de paixão*) se o objectivo é fazer com que duas pessoas se casem. Lembro-me de uma jovem que se apaixonou pelo noivo de uma das suas amigas e, depois de esforços frustados, recorreu a um bruxo. Os noivos separaram-se e o rapaz casou com a rapariga que tinha encomendado o malefício. É inútil dizer que o casamento foi um desastre: o marido que nunca tinha

amado a mulher, não teve coragem para a deixar e tinha sempre a sensação de que o casamento lhe tinha sido imposto.

Outros malefícios são dirigidos no sentido da *doença*, isto é, são feitos de forma a que a vítima esteja sempre doente. Outros visam a *destruição* (os chamados malefícios de morte). Basta que a vítima se coloque sob a protecção da Igreja, isto é, basta que comece a receber os exorcismos, ou a rezar e a pedir que rezem intensamente por ela, para que a morte não a atinja. Segui um grande número destes casos e, como já disse, o Senhor interveio de forma miraculosa, ou pelo menos de forma humanamente inexplicável, para salvar a vida destas pessoas dos perigos mortais e especialmente das tentativas de suicídio. Quase sempre (eu diria mesmo *sempre*, pelo menos nos muitos casos que me apareceram) a vexação diabólica, ou o encaminhamento para a possessão, estão ligados a malefícios de uma certa gravidade. É esta a razão pela qual o exorcismo é necessário. Os malefícios feitos a uma família inteira, eventualmente para a destruir, têm igualmente efeitos terríveis.

O Ritual, no n.º 8 das regras, em primeiro lugar põe a vítima de sobreaviso para que, em caso de malefícios, não vá a bruxos ou a feiticeiros, ou a outras pessoas deste género, que não sejam ministros da Igreja; que não recorra a nenhuma forma de superstição nem a outras práticas ilícitas. A experiência prova que este conselho é indispensável. Os bruxos são muitos enquanto os exorcistas são pouquíssimos. Admira que um especialista como Mons. Corrado Balducci aconselhe nos seus três livros que se consulte um bruxo em caso de malefício, ainda que este seja susceptível de fazer um outro malefício (cf. por exemplo, *Il Diavolo*, p. 326). É um erro imperdoável num autor que se distinguiu tanto noutros assuntos das suas obras. Mas é particularmente importante esta advertência porque a tendência para recorrer aos bruxos, feiticeiros, santarrões e similares é tão

velho como o mundo. O progresso cultural, científico, social, não tem a mínima influência neste hábito, que convive tranquilamente com o nosso «mundo do progresso». E estão envolvidas igualmente todas as classes sociais, até as mais elevadas culturalmente (engenheiros, médicos, professores, homens da política...).

No que se refere às perguntas a fazer ao demónio, a regra n.º 20 do Ritual sugere ao exorcista que pergunte qual a causa da presença do demónio naquele corpo e, em particular, se é consequência de um malefício. Se for o caso, e se a pessoa foi vítima por ter comido ou bebido substâncias maléficas, o exorcista deve indicar à vítima que as vomite. Se, pelo contrário, se trata de um objecto maléfico que foi escondido nalgum lugar fora do corpo, o exorcista deve perguntar indicações do local, procurar o objecto e queimá-lo.

Estas indicações são muito úteis. Na verdade, quando uma pessoa é vítima de um malefício, por comer ou beber uma preparação maléfica, quase sempre sofre de dores de estômago muito específicas, que já mencionámos várias vezes, as quais demonstram a necessidade de libertação pela via fisiológica ou vomitando. Neste caso, é necessário recomendar à vítima que beba água benta assim como óleo e sal exorcizados, a fim de favorecer essa libertação. Pode acontecer, como já dissemos, que certos objectos maléficos sejam expulsos de forma misteriosa: a pessoa pode, por exemplo, notar subitamente uma dor no estômago, como se tivesse um pedregulho e em seguida encontrar um pedregulho no chão e a dor passa. Pode igualmente encontrar-se os objectos que já anteriormente mencionámos e que devem, portanto, ser abençoados com água benta (a própria vítima poderá fazê-lo) e queimados ao ar livre; e as cinzas, assim como os objectos de ferro e os que não ardem devem ser deitados em água corrente (rios, esgotos), não em casas de banho, porque isso traria imensos inconvenientes, tais como entupimento de lavabos, inundações, etc.

Em muitos casos, os objectos estranhos encontrados nas almofadas e nos colchões não foram descobertos através de interrogatório feito ao demónio, mas por indicação de carismáticos ou de sensitivos (de que falaremos mais adiante). Este discernimento foi o motivo que deu origem à descoberta do malefício e a razão pela qual se recorreu a um exorcista. É preciso, também nestes casos, queimar as almofadas e os colchões no exterior da casa. Depois de aspergidas com água benta, as cinzas devem ser eliminadas como atrás indicado.

É importante que, enquanto se queimam estes objectos maléficos, se reze. Não se pode agir sem prudência, especialmente quando os objectos que foram submetidos a um malefício são descobertos por acaso, ou por indicação do demónio. Para minha orientação, o Pe. Cândido contou-me um dos seus «erros de juventude», ou seja, uma imprudência que cometeu quando começou a exorcizar.

Na altura, estava a exorcizar uma jovem com a ajuda de um padre Passionista que, como ele, também tinha recebido autorização do bispo. Ao interrogar o demónio, descobriram que esta jovem tinha sido objecto de um bruxedo. Deixou-os saber que este tinha sido feito numa caixinha em madeira com cerca de 25 cm de comprimento, enterrada à profundidade de um metro junto de uma árvore, cujo local exacto lhes foi indicado. Cheios de zelo, foram armados de enxada e de pá para escavar no local indicado. Encontraram a caixinha de madeira que correspondia à descrição, abriram-na e examinaram o conteúdo: uma figura obscena no meio de outras ninharias. Queimaram imediatamente tudo com álcool a fim de reduzir os objectos a cinza. Entretanto, não pensaram na bênção antes de deitar fogo aos objectos, e esqueceram-se de rezar enquanto os queimavam, invocando a protecção do sangue de Jesus. Além disto, tocaram nos objectos várias vezes sem se lembrarem de lavar as mãos com água benta. A conclusão é que o Pe. Cândido ficou três

meses de cama, com violentas dores de estômago, que persistiram com uma certa força durante uma dezena de anos e que se mantiveram nos anos seguintes. Foi uma dura lição; no entanto teve utilidade para mim e para todos os que vierem a encontrar-se em situações semelhantes.

Perguntei ao Pe. Cândido se entretanto, depois de todas estas provas e sofrimentos, a jovem tinha ficado liberta. Ele respondeu-me negativamente: a jovem não tirou nenhum proveito disso. Isto prova que os feitiços muitas vezes exercem todo o seu efeito sobre a pessoa no momento em que são realizados; encontrá-los e destruí-los não é, pois, suficiente. Fui confrontado com diversos casos deste tipo em que muitos anos se passaram entre a realização do malefício e a descoberta do bruxedo que, entretanto, já tinha completado a sua acção maléfica. Quando se encontrou e foi destruído, a sua destruição já foi ineficaz, e já não trouxe nenhum benefício à pessoa atingida. O que na realidade é útil são os exorcismos, as orações, os sacramentos e os sacramentais.

Noutros casos, porém, o facto de queimar o objecto sobre o qual foi feito o bruxedo, interrompe o malefício. Tive a prova disso em casos de «bruxedo de morte» por putrefacção em que tinha sido enterrada carne amaldiçoada que foi descoberta e destruída antes de chegar a decompor-se. Por vezes animais, especialmente sapos, são enterrados vivos embora com um espaço vazio à volta. Nestes casos o malefício também pode ser interrompido se os animais são descobertos ainda vivos. Em todo o caso os exorcismos, as orações, os sacramentos são sempre os remédios fundamentais.

Nunca será demais dizer como é importante recorrer aos meios oferecidos por Deus e nunca aos bruxos, mesmo que se tenha a impressão de que estes meios têm uma actuação mais lenta. O Senhor deu-nos a força do seu nome, o poder da oração (tanto pessoal como em grupo) e a intercessão da Igreja. O que acontece quando se recorre aos feiticeiros,

àqueles que dissimulam a sua acção sob a denominação equívoca de magia branca (que é sempre um recurso ao demónio) é que está a realizar-se um outro malefício para suprimir o anteriormente feito; só serve para agravar o mal. O Evangelho fala-nos dum demónio que sai duma alma para voltar de novo com sete demónios piores do que ele (Mt 12,43-45). É o que acontece quando se consultam os bruxos.

Vamos falar de três situações marcantes em que me vi confrontado.

Primeiro exemplo. Uma pessoa começou a sentir dores físicas, consultou vários médicos e experimentou vários medicamentos, mas a dor aumentou cada vez mais, em vez de desaparecer, sem se descobrir a causa. Então resolveu ir a um bruxo ou a um cartomante, experiente em magia que lhe disse: «Você foi vítima de um bruxedo. Se quiser, eu livro-o disso. Só vou levar 50 euros.» Depois de reflectir um pouco, decidiu pagar. Foi-lhe pedida, eventualmente, uma fotografia, uma peça de roupa íntima, uma mecha de cabelo. Alguns dias depois, ele ficou realmente curado e satisfeito de ter gasto os 50 euros: o demónio tinha-se ido embora. Após um ano, reapareceram os mesmos incómodos. O pobre homem voltou a consultar toda a espécie de médicos mas os medicamentos não lhe trouxeram qualquer espécie de alívio, e a dor cada vez se tornou mais forte. É o demónio que regressa acompanhado por outros sete demónios piores do que ele. Não aguentando mais o sofrimento, o infeliz pensou: «Aquele bruxo fez-me pagar 50 euros, mas livrou-me do mal.» E voltou a procurá-lo sem se dar conta de que foi por causa dele que o mal se agravou.

O bruxo disse-lhe: «Desta vez você foi alvo de um bruxedo ainda maior. Se quiser que o livre só o faço por 250 euros, que é metade do que eu levaria a outra pessoa.» E assim voltamos ao ponto de partida. Se por acaso a vítima acaba por recorrer a um exorcista, além do pequeno incó-

modo inicial, agora já é preciso libertá-la também do mal gravíssimo que lhe provocou o bruxo.

Segundo exemplo do mesmo tipo de situação. O doente pagou, foi curado pelo bruxo, e ficou bem. Mas em compensação o seu mal passou para a mulher, os filhos, os pais e os irmãos. Assim, o incómodo também se multiplicou (ainda que sob a forma de ateísmo obstinado, de uma vida de pecado, de acidentes de carro, de desgraças, depressões...)

Terceiro exemplo. Mais uma vez, o mesmo tipo de situação. A pessoa é curada pelo bruxo e não volta a adoecer. Contudo, neste caso, a doença tinha sido permitida por Deus para que a vítima expiasse os seus pecados e voltasse a uma vida de oração e de frequência à Igreja e aos sacramentos. A finalidade desta doença era obter grandes frutos espirituais para a salvação da sua alma. Com a cura operada pela intervenção do demónio, que conhecia bem esta finalidade, o objectivo de Deus não foi atingido, perdeu-se.

Devemos ter claramente presente que Deus permite o mal, para daí tirar o bem; permite a cruz, porque é unicamente através dela que alcançamos o céu. É uma verdade evidente que se verifica, especialmente, em pessoas dotadas de carismas particulares, que muitas vezes são atingidas por sofrimentos, por cuja cura não é preciso rezar. Todos se lembram do Pe. Pio que suportou, duramente, durante cinquenta anos, as dores lancinantes das cinco chagas. Contudo ninguém pensou em pedir ao Senhor que o libertasse desse sofrimento. Era demasiado evidente que se tratava da obra de Deus. O demónio é esperto, e bem gostaria que o Pe. Pio não tivesse impressos na carne os sinais da paixão! Mas fica satisfeito se, pelo contrário, é ele quem provoca os estigmas e suscita falsos místicos.

Ainda sobre a magia

A magia é um assunto tão vasto que poderia encher uma biblioteca, e a sua prática encontra-se em toda a história humana e entre todos os povos. Ainda hoje são imensos os que caem nas malhas da magia. Muitos sacerdotes subestimam mesmo os seus perigos: confiam justamente no poder salvador de Cristo, que se sacrificou para nos libertar das malhas de Satanás, não tendo em conta que o Senhor nunca nos disse que subestimássemos o poder dele, nem disse que desafiássemos o demónio, nem que deixássemos de o combater. Pelo contrário, deu-nos o poder de o expulsar e falou-nos da luta incessante com ele, que nos espia constantemente (o próprio Jesus mesmo foi submetido às tentações do Maligno); disse-nos claramente que não se pode servir a dois senhores.

A Bíblia surpreende-nos pela frequência com que fala contra a magia e os bruxos, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Põe-nos de sobreaviso, porque um dos meios mais comuns que o demónio utiliza para atrair o homem e o embrutecer é a magia, a superstição e todas as formas de prestar um culto directo ou indirecto a Satanás. Aqueles que praticam a magia julgam que podem manipular as forças superiores mas, de facto, eles servem essas mesmas forças.

Os feiticeiros julgam-se os senhores do bem e do mal. Os espíritas e os médiuns empregam todos os seus esforços na invocação dos espíritos superiores ou dos espíritos dos defuntos, mas na verdade entregam o corpo e a alma a forças demoníacas, sem se darem conta que são sempre utili-

zados para um fim destrutivo, ainda que esse fim não se manifeste logo. O homem, afastado de Deus é pobre e infeliz; não chega a compreender o sentido da vida e, ainda menos, o sentido das dificuldades, da dor e da morte. Deseja a felicidade tal como o mundo a propõe: riqueza, poder, bem-estar, amor, prazer, admiração... e aceita que o demónio lhe diga: «Tudo te darei, porque me pertence e dou-o a quem quiser, se te prostrares diante de mim» (Lc 4,6-7).

É assim que uma multidão de jovens e velhos, mulheres, operários, professores, políticos, actores e curiosos, procura a «verdade» sobre o seu futuro. É uma multidão que se torna presa de outra multidão: mágicos, adivinhos, astrólogos, cartomantes, pranoterapeutas, sensitivos ou videntes de vários tipos. Vêm atraídos pelo acaso, pela esperança, pelo desespero ou simplesmente por curiosidade; alguns ficam prisioneiros, outros ligados e outros ainda penetram no círculo fechado das seitas.

Mas o que há por detrás de tudo isto? Os ignorantes pensam que se trata unicamente de superstição, de curiosidade, de fingimento, de fraude. De facto esta actividade está ligada a um grande número situações. No entanto, na maioria dos casos, a realidade é outra. A magia não é somente uma crença em algo falso ou desprovido de qualquer fundamento. É um recurso às forças demoníacas para influenciar o curso dos acontecimentos e influir sobre as pessoas, a seu bel prazer. Esta forma desviada de religiosidade, característica de povos primitivos, prolongou-se no tempo e coexiste actualmente com as religiões em todos os países. Embora sob diversas formas, o resultado é o mesmo: afastar o homem de Deus, conduzi-lo ao pecado e à morte interior.

Há duas espécies de magia: a magia imitativa e a magia contagiosa.

A *magia imitativa* fundamenta-se no critério de semelhança no que se refere à força e ao procedimento. Baseia-se no princípio segundo o qual cada ser gera um seu seme-

lhante. Um boneco representará a pessoa que se quer para vítima e depois de ter pronunciado «as orações do rito» designadas, espeta espinhos no corpo do boneco para fazer mal à pessoa que o boneco representa: dores ou doenças vão manifestar-se na vítima nos locais do corpo correspondentes aos mesmos pontos espetados no boneco.

A *magia contagiosa* assenta no princípio do contacto físico ou do contágio. Para exercer a sua acção sobre a pessoa, o bruxo precisa de ter algo que pertença à vítima: cabelos, unhas, pêlos, roupas. Também pode ser uma fotografia, de preferência de corpo inteiro, sendo obrigatório ter a cara a descoberto. A parte vale pelo todo, isto é, a acção exercida sobre uma parte do corpo influirá na totalidade da pessoa. O bruxo procederá no seu trabalho com fórmulas ou rituais apropriados e indicará momentos precisos do ano e do dia, com a intervenção dos espíritos que ele invocará para tornar a sua obra eficaz. Tratámos deste assunto quando falámos dos bruxedos. No entanto a magia abarca um campo muito mais vasto do que os simples bruxedos e muito mais vasto do que o malefício.

Num dos rituais de iniciação à magia negra utilizado pelos feiticeiros da Ilha de Cabo Verde, afirma-se que o iniciado num certo momento do rito encontrar-se-à diante dum espelho no qual aparecerá Satanás para lhe confiar os «poderes» pondo-lhe nas mãos as armas que ele deverá utilizar. As armas do Cristão para fazer face ao «leão que ruger» são a verdade, a justiça, a fé e a espada de dois gumes da Palavra de Deus. Ao contrário, o mago disporá de uma verdadeira espada para ferir os homens. Há poderes de destruição, de maldição, de vidência, de pré-vidência, de desdobramento, de cura e ainda outros, consoante o mal que é capaz de fazer, consoante o modo como conseguir entrar os projectos de Deus e, consoante aquilo que está em condições de oferecer ao demónio: além da sua própria pessoa, pode oferecer os seus filhos e ainda outras pessoas, mais ou menos

ignorantes que recorrem a ele. O resultado para a vítima é, no mínimo, uma aversão terrível a tudo o que é sagrado (orações, igrejas, imagens sagradas...) além de outros males graves, muito variáveis.

Mas este resultado também pode recair sobre a pessoa que pagou o trabalho ao bruxo, uma vez que ofereceu o «sacrifício» representado por uma oferta, mesmo que modesta, e, lhe foram concedidas as coisas pedidas, mediante o cumprimento de certas regras sugeridas: visitar sete igrejas, acender velas de determinada maneira, espalhar pós, usar certos objectos ou fazê-los usar por outras pessoas, etc. Deste modo criam-se ligações mais ou menos fortes com o demónio, com graves consequências para a alma e o corpo. Contactaram várias vezes comigo mães que tinham levado os seus filhos aos bruxos e que tinham feito as crianças usar certas coisas que poderiam ser consideradas pelos inexperientes como ninharias mas que, devido aos efeitos maléficos se tinham revelado realmente verdadeiros malefícios. Quando alguém se coloca no campo do inimigo cai no seu poder, mesmo se age de «boa fé» e só a poderosa mão de Deus pode libertar a pessoa dessas ligações contraídas.

Quando se fala em *alta magia* fala-se, geralmente, de sacralizações, consagrações, bênçãos, destituições, excomunhões e maldições. Têm por finalidade transformar os objectos ou as pessoas em «símbolos sagrados» (sagrados para Satanás, naturalmente). O material mágico é «magnetizado» em determinados momentos relevantes da astrologia mágica. Cada bruxo usa, ou prepara para outros, «pentáculos» (do grego «panta-klea»: estrela de cinco pontas). Em geral, trata-se de medalhas, cujos símbolos são «catalisadores de energia» e têm, segundo os bruxos, uma força celeste específica. Outra coisa são os talismãs, que representam os traços distintivos da pessoa que se queria proteger.

A procura dos talismãs são um dos maiores atractivos dos pobres clientes que se sentem vítimas de má sorte, de

enguiço, de incompreensão, de falta de amor e de pobreza; e estão dispostas a pagar o que for necessário, por vezes quantias muito elevadas, por estes objectos que dão sorte, destinados a libertá-las de todas as suas desgraças. Mas, estes objectos, pelo contrário, são portadores de uma tal carga negativa, que prejudica não só os que os adquirem, mas também todos os membros da sua família. Para preparar todos estes objectos, assim como a maior parte das operações de magia, faz-se largo uso de incenso. É um incenso oferecido a Satanás, em clara oposição ao incenso que no culto litúrgico é oferecido a Deus.

Outras formas de magia incluem a preparação de filtros ou de misturas que provocam sugestão ou vexação diabólica naquele que ingerir o preparado do bruxo juntamente com comida ou bebida. A vítima experimentará no corpo, não só algo de desagradável, mas também a presença dos espíritos maléficos invocados para a preparação do malefício. É bem conhecido o chamado «filtro de amor» pelo qual os poderes satânicos impõem à vítima uma ligação terrivelmente constrangedora (designada igualmente pelo termo «amarração»).

A Bíblia fala-nos pela primeira vez do demónio quando ele tenta os nossos primeiros pais sob a forma de uma serpente. Na mitologia a serpente é sempre figurada como símbolo do conhecimento. No Egipto a maga Isis conhece os segredos das pedras, das plantas e dos animais, tal como os diferentes tipos de males e os seus remédios: assim pode reanimar o cadáver de Osiris. A serpente é representada enrolada sobre si mesma e com a cauda na boca, como símbolo do ciclo eterno da vida. Pode igualmente mencionar-se a boa («boa constrictor»), jibóia imperatriz dos Incas, ou a «boa», jibóia divina dos Indianos.

No culto vodu, a serpente hermafrodita Danbhalaha e Aida Wedo inspira nos seus adeptos uma certeza e precisão com resultados espectaculares qualquer que seja a hora do

dia ou da noite. Esta serpente pretende conhecer todos os segredos do Verbo Criador por meio da «língua mágica», que se torna mágica pela música sacra.

Trata-se de uma magia haitiana, proveniente de África, que, associada à magia africana original e à importada da América do Sul (particularmente do Brasil) sob o nome de «macumba» exerce um grande poder maléfico. Já assinalei que os malefícios mais graves para exorcizar provinham do Brasil ou de África.

A civilização moderna fundiu-se, mas não mudou certos costumes, daí a coabitação da ciência com a magia, da religião com as antigas práticas. Ainda hoje e, mais particularmente, nas terras pequenas, algumas pessoas muito fervorosas recorrem a «*santarrões*» (homens ou mulheres) para resolver os problemas mais variados: doenças, mau olhado, procura de um «trabalho» ou de um marido. São pessoas piedosas «que vão sempre à Igreja»; ainda hoje há mães que, de boa fé, ensinam aos filhos os ritos que visam afastar o mau olhado no dia de Natal, ou que colocam ao pescoço dos filhos fios com crucifixos ou medalhas benzidas juntamente com «pêlos de texugo», «dentes de lobo» ou «cornos». Todos estes objectos, mesmo que não estejam «carregados» de negatividades transmitidas por rituais mágicos, estabelecem uma ligação com o demónio pelo pecado da superstição.

A magia está sempre associada à adivinhação: querer descobrir o futuro por caminhos tortuosos. Basta pensar na prática, muito difundida, de deitar cartas, isto é, predizer o futuro pelo tarot, que constitui o meio de adivinhação mais utilizado pelos feiticeiros e adivinhos. Parece que a origem da adivinhação pelas cartas vem do século XIII, por obra de ciganas que teriam condensado neste «jogo» o seu poder de predizer o futuro. Todas estas práticas são fundadas sobre a doutrina esotérica que visa o esquema de correspondência entre o homem e o mundo divino. Não me vou deter sobre

isto, direi simplesmente que a pessoa ingénua, admirada pela exactidão com que o seu passado lhe foi revelado, experimenta um sentimento de angústia e de desconfiança ou, pelo contrário, uma vã esperança. Mas, na maioria dos casos, fica cheia de suspeitas em relação aos seus familiares ou amigos, e sobretudo com uma certa dependência daquele que lhe leu as cartas e a quem vai procurar sempre de futuro. Todos estes sentimentos podem fazer nascer nela estados de medo, de cólera, de incerteza; terá o desejo de recorrer a práticas de magia ou de procurar talismãs dados como capazes de neutralizar este inimigo interior que ela mesma procurou e que lhe causa doenças, azares, etc.

A pior das magias de origem africana é baseada na *feiticaria* (*witchcraft*), isto é, a arte de fazer mal aos outros por vias mágicas e do *espiritismo*, através do qual se pretende contactar com o espírito dos defuntos ou com os espíritos superiores. O espiritismo está presente em todas as culturas e povos. O médium tem o papel de intermediário entre os espíritos e o homem, emprestando a sua energia (voz, gestos, escrita...) ao espírito que se deseja manifestar. Pode acontecer que os espíritos invocados, que são sempre e só demónios, tomem posse sobre algum dos presentes. A Igreja sempre condenou as sessões de espiritismo e a participação nelas. Não é consultando Satanás que se aprenderá alguma coisa de útil.

Mas será verdadeiramente impossível evocar os mortos? São sempre e unicamente os demónios que se manifestam durante as sessões dos médiuns? Sabemos bem que a existência desta dúvida junto dos crentes resulta de uma única excepção. A Bíblia menciona um só e único caso quando Saul se dirige a uma pitonisa e lhe impõe: «Prediz-me o futuro invocando um morto e faz-me chegar aquele que eu te disser» (1Sm 28,8). Neste caso, Samuel, que tinha morrido havia pouco tempo, apareceu efectivamente. Deus permitiu esta excepção mas lembremos o grito horroroso que a pito-

nisa deu ao ver Samuel e, sobretudo, a grave reprovação que este fez: «Porque é que me perturbaste invocando-me?» (1Sm 28,15). É preciso respeitar os mortos e não os importunar. Sendo o único relato na Bíblia, notemos o seu carácter excepcional. Eu concordo com a opinião de um psiquiatra e exorcista protestante a este respeito: «É puro egoísmo e crueldade querermos ficar agarrados aos nossos defuntos ou querer chamá-los para junto de nós. Eles têm necessidade é da libertação eterna e não de ser envolvidos nas coisas e nas pessoas deste mundo...» (Kenneth McAll, *Fino alle Radici*, Editions Ancora, p. 141).

Muitas pessoas caem nestas ciladas por ignorância ou por falta de fé. Algumas danças, cânticos, costumes, velas, animais, indispensáveis nos vários rituais de magia Vodou ou macumba, podem apresentar um aspecto interessante do ponto de vista étnico e folclórico. O facto de colocar, por exemplo, quatro velas nos quatro ângulos do cruzamento de uma rua, ou de fazer um triângulo de velas em que uma é colocada com a parte de cima virada para baixo, pode parecer um jogo ou uma superstição inofensiva. É tempo de abrir os olhos. Dirijo-me sobretudo aos padres. É preciso saber que são invocações de espíritos maléficos que podem prejudicar uma determinada pessoa, mas têm sempre como último objectivo afastar a vítima de Deus, conduzi-la ao pecado, à angustia, à alienação e ao desespero.

Perguntaram-me, também, se era possível atingir comunidades de pessoas através da magia. Respondo afirmativamente. Este assunto, porém, merece só por si um estudo separado. Também aqui, como em todo o meu livro, contento-me em chamar a atenção para as coisas. É possível que o demónio se sirva de uma pessoa para atingir grupos, mesmo muito numerosos, susceptíveis de dominar até uma nação inteira ou de estender a sua influência sobre várias nações. Penso que, na nossa época, Karl Max, Hitler e Estaline fizeram parte dessas pessoas. As atrocidades dos nazis,

os horrores do comunismo e os massacres de Estaline atingiram um nível de perfídia verdadeiramente diabólico. Fora do domínio político, não hesito em dizer que certas músicas e certos cantores, cujos concertos provocam um frenesim que pode engendrar manifestações de extrema violência ou de vontade destruidora, são veículos de Satanás.

Mas há outros casos, mais fáceis de controlar e de curar (embora as possessões colectivas sejam sempre muito difíceis de curar), em que foram atingidos grupos de alunos ou comunidades como, por exemplo, comunidades religiosas. É incrível a habilidade para conseguir enganar e fazer penetrar os piores erros em grupos inteiros. Há quem pense que é mais fácil enganar uma multidão do que um indivíduo e a verdade é que o demónio pode atingir grupos mesmo muito numerosos. Assinalemos, contudo, que existe quase sempre, nestes casos, um consenso humano de livre adesão à obra satânica: por interesse, por vício, por ambição, por tantos motivos possíveis.

A influência do demónio sobre a colectividade é uma das mais perigosas e mais poderosas armas. Daí a insistência dos últimos pontífices a este respeito. Refiro-me aqui ao discurso de Paulo VI, em 15 de Novembro de 1972, e ao de João Paulo II, em 20 de Agosto de 1986.

Satanás é o nosso pior inimigo e sê-lo-á até ao fim dos tempos. É por isso que ele usa a sua inteligência e os seus poderes para entrar os planos de Deus que, ao contrário, deseja a salvação de todos nós. A nossa força é a Cruz de Cristo, o seu sangue, as suas chagas, a obediência às suas Palavras e à sua instituição que é a Igreja.

Quem pode expulsar os demónios?

Como já referi claramente, Jesus deu o poder de expulsar os demónios a todos os que crêem nele e que actuam pela força do seu nome. Trata-se de orações privadas, que podemos classificar com o nome de «orações de libertação».

Por outro lado é dado aos exorcistas, isto é, aos sacerdotes que receberam expressamente esse encargo do seu bispo, aquele poder. Assim sendo, empregando as fórmulas apropriadas sugeridas pelo Ritual, ministram um sacramental que difere da oração privada, uma vez que envolve a intercessão da Igreja.

É sempre necessário muita fé, muita oração e jejum, quer seja da parte da pessoa que reza, quer seja da parte da pessoa por quem se reza. O ideal seria que, enquanto o exorcismo se realiza na intimidade, simultaneamente houvesse um grupo de pessoas reunidas a rezar. Devo acrescentar que todos os sacerdotes, incluindo os que não são exorcistas, são investidos, devido ao seu sacerdócio ministerial, dum poder muito especial que não é uma honra para a pessoa, mas um serviço a prestar aos fiéis para cumprir as suas exigências espirituais. Libertar uma alma das influências maléficas faz parte certamente destas exigências. Por outro lado, todos podem, quer se trate de orações de libertação ou de exorcismos, recorrer à ajuda de meios sagrados: por exemplo colocando sobre a cabeça do interessado um crucifixo, um terço ou qualquer relíquia; muitíssimo eficaz

é a da Santa Cruz, pois foi com a cruz que Jesus destruiu o reino de Satanás. As relíquias dos santos particularmente venerados são também muito eficazes e são também muito úteis as simples imagens benzidas, como a do Arcanjo S. Miguel, de quem os demónios têm um medo terrível.

Creio que trairia a expectativa dos leitores se não abordasse também o exército, cada vez mais numeroso, de *carismáticos, videntes, sensitivos, pranoterapeutas, curandeiros* e mesmo *ciganas*: é um exército tanto mais numeroso quanto mais os bispos e o clero com uma ligeireza, que vai desde a ignorância até à incredulidade, abandonam este terreno pastoral que lhes diz respeito. Este problema será também tema para um capítulo posterior. Por agora apenas vamos fornecer algumas informações sobre as pessoas acima indicadas.

Faço aqui um parêntesis para me referir a pessoas que podem (ou pretendem) influenciar na libertação, mas que, muitas vezes, operam pela cura. É difícil estabelecer uma distinção clara. O demónio está na raiz de todos os problemas do mal, da dor, da morte que são consequência do pecado. Existem, por outro lado, formas de mal directamente provocadas pelo Maligno. O Evangelho dá-nos alguns exemplos: o da mulher encurvada há dezoito anos (por paralisia?) e o do surdo-mudo. Nos dois casos, o mal era causado por uma presença satânica e o Senhor curou-os, expulsando o demónio. Em linhas gerais, a regra que expus é válida: se um mal é de origem maléfica, os medicamentos não obtêm nenhum efeito; entretanto, as orações de cura e os exorcismos obtêm. Também é verdade que uma presença diabólica prolongada provoca muitas vezes na vítima problemas, especialmente psíquicos, que podem ter necessidade de tratamento médico apropriado, mesmo depois da libertação.

Chamo a atenção para o facto de que, nestes casos, são requeridas competências específicas que um exorcista por

vezes não tem. Este terá de conhecer apenas o suficiente acerca das doenças mentais que lhe permita aferir a necessidade de intervenção de um psiquiatra. Ou seja: embora o exorcista deva ter conhecimentos ligados à parapsicologia e aos poderes paranormais, não se pode exigir dele a mesma sabedoria e especificidade que têm um especialista na matéria. O seu campo específico é o sobrenatural, possuindo um conhecimento exacto dos fenómenos que daí dependem e dos cuidados a ter nas coisas de carácter sobrenatural. Estas notas preliminares são indispensáveis porque a questão abordada toca simultaneamente o sobrenatural, o paranormal, o preternatural ou o diabólico.

Os carismáticos. O Espírito Santo distribui com divina liberdade os seus carismas a quem quer e como quer; não são dados para glória ou utilidade dessa pessoa mas para o serviço dos irmãos. Entre os carismas encontra-se o dom da libertação dos espíritos malignos e o dom da cura física. Trata-se de dons que podem ser concedidos a indivíduos mas também a comunidades. Não dependem da santidade da pessoa, mas da livre escolha de Deus. A experiência entretanto prova que, habitualmente, Deus concede estes dons a pessoas rectas, que rezam com assiduidade, que observam uma vida cristã exemplar (o que não significa que não tenham defeitos!) e que demonstram uma verdadeira humildade. Hoje em dia há uma inflação de carismáticos a quem acorre uma multidão de pessoas que sofrem. Como distinguir os verdadeiros dos falsos? Esse discernimento cabe à autoridade eclesiástica, que pode servir-se de todas as formas de ajuda que considere oportunas para tal.

De facto, conhecemos alguns casos em que a autoridade eclesiástica interveio para nos pôr de sobreaviso contra os charlatões e os falsos carismáticos; não tenho conhecimento de casos de carismáticos reconhecidos oficialmente. Trata-se de um problema muito complicado e muito difícil de resolver, até porque os carismas podem cessar e deixa de ser a

pessoa que tinha sido escolhida digna deles: nenhum ser vivo está confirmado na graça. Podemos enunciar quatro regras orientadoras: 1.º que o indivíduo (ou a comunidade) viva intensamente conforme o Evangelho; 2.º que seja completamente desinteressado (e recuse todas as ofertas, mesmo sabendo que com elas pode ficar milionário); 3.º que utilize os meios habitualmente admitidos na Igreja, sem excentricidades ou superstições (que utilize orações e não fórmulas mágicas; sinal da cruz, imposição das mãos sem nada que ofenda o pudor; que utilize água benta, incenso, relíquias sem nada que seja estranho ao normal uso eclesiástico); que reze em nome de Jesus; 4.º que os frutos sejam bons. A regra evangélica: «é pelo fruto que se conhece a árvore» (Mt 12,33) constitui sempre o critério fundamental.

Acrescentemos outras características que são típicas das curas obtidas pela via carismática. Estas agem sobre todas as doenças mesmo maléficas, isto é, provocadas pelo demónio e não se fundamentam na capacidade ou na força humanas mas na oração feita com fé, na força do nome de Jesus e na intercessão da Virgem e dos santos. O carismático não perde a energia e não tem, portanto, necessidade de descansar para retomar forças (como fazem os curandeiros, os vedores e similares), não se verificam reacções físicas pois é apenas um intermediário activo da graça. As curas carismáticas não tendem a elevar o carismático a um pedestal, mas a louvar a Deus e fortalecer a fé e a oração.

Parece-me apropriado acrescentar ainda algo a este respeito, porque tudo isto é um campo de que o Concílio Vaticano II falou, mas não aplicou. O racionalismo e o naturalismo invadiram o terreno: as manifestações extraordinárias, os milagres, a presença dos santos, as aparições, são tudo coisas acolhidas com desconfiança, com reprobção, que não se examinam ou que, pelo menos são consideradas como terrivelmente monótonas. Todas as Igrejas abandonaram as orações dos primeiros cristãos: «E agora, Senhor,

concede aos teus servos o poderem anunciar a tua Palavra com todo o desassombro, estendendo a tua mão para se operarem curas, milagres e prodígios em nome do teu Santo Servo Jesus» (Act 4,29-30). Parece que, nos dias que correm, estes dons só provocam tédio.

O Vaticano II afirma que o Espírito Santo «concede graças especiais aos fiéis de hoje... Estes carismas, quer sejam extraordinários ou mesmo mais simples ou comuns, devem ser acolhidos com reconhecimento e devoção». Este documento continua lembrando em seguida que os dons extraordinários devem ser observados com prudência. Quanto ao ajuizamento da sua genuinidade e boa utilização «é do foro da autoridade eclesiástica que deve, *sobretudo*, cuidar em não extinguir o Espírito, examinando todas as coisas e re-tendo o que é bom» (LG 12). A falta de aplicação destas directivas é evidente e quase geral. Por esta razão, é inútil que o Concílio afirme que quem recebe carismas do Espírito Santo, mesmo que seja leigo, tem o *direito* e o *dever* de os exercer (AA 3) sob a direcção e julgamento dos bispos. Alegro-me com o aparecimento de organismos, como o Movimento Carismático de Assis, que se oferecem para ajudar os bispos no seu trabalho de discernimento. Trata-se dum campo aberto que está a actuar.

Os videntes e os sensitivos. Agrupo-os juntamente porque apresentam substancialmente as mesmas características: os primeiros *vêem*, os segundos *sentem*. Ambos contam o que experimentaram no contacto com objectos ou pessoas. Para não alargar muito o terreno a que este tema se presta, limito-me a considerá-lo em relação ao meu campo específico, isto é, as influências maléficas exercidas sobre pessoas, objectos e casas. Contactei muitas vezes com estas pessoas: consultei-as, por vezes directamente, ou convidei-as a assistir em oração aos meus exorcismos, a fim de saber o que tinham visto ou sentido. Dei-me conta de que as respostas dependiam do espírito de sabedoria.

Algumas pessoas, assim que vêem ou permanecem perto de indivíduos possessos ou infestados, experimentam imediatamente essa sensação. Em certos casos sentem-se mal quando estão perto de tais pessoas; outras vezes, vêem e descobrem a negatividade que as atinge e descrevem-na. Basta mostrar-lhes uma fotografia, uma carta ou um objecto que pertença a um indivíduo sobre o qual caem suspeitas, para obter uma resposta: dirão se não tem nada, se é vítima dum poder maléfico ou se é uma pessoa perigosa porque faz malefícios contra outros. Por vezes basta-lhes ouvir a voz. Há pessoas, por exemplo, que estão na dúvida se receberam ou não uma influência maléfica, e, ao telefonarem a uma pessoa destas, obtêm a resposta. Chamados às casas sobre as quais há suspeita de malefícios por causa dos fenómenos estranhos que lá se produzem, percebem se o malefício existe realmente ou não; reconhecem os objectos que estão sob a influência de um bruxedo e que devem ser queimados; sabem, por exemplo, que almofadas ou que colchões é que é preciso abrir para encontrar os objectos estranhos de que já falámos. Mas também se podem enganar: as suas sensações, portanto, devem ser controladas. Contudo, por vezes recuam na vida de uma pessoa, indicando com uma precisão surpreendente com que idade é que ela foi alvo de um malefício, o modo como este foi feito, a finalidade pretendida e os inconvenientes que daí advieram. Conseguem mesmo, em certos casos, indicar o autor.

Um dia quando tinha acabado de mandar entrar um homem que desejava receber uma bênção, lembrei-me que tinha de telefonar a um sensitivo. Corri ao telefone e ele respondeu-me: «O Sr. está em vias de dar a bênção a um homem com cerca de cinquenta anos que aos dezasseis anos foi vítima dum malefício que fizeram contra ele, mas o alvo, na realidade, era o pai: fizeram-no beber vinho que tinha sido submetido a um malefício e esconderam um objecto sobre o qual foi feito um bruxedo no fundo dum

poço. A partir daí, esse rapaz começou a sentir-se mal, cada vez pior e todos os remédios se mostravam ineficazes. Alguns anos mais tarde, o pai morreu e ele sentiu-se subitamente melhor. Ficou, entretanto, atingido no cérebro a ponto de não se poder concentrar em nenhum trabalho. O senhor tente dar-lhe a bênção, mas é um mal radicado há muito tempo e creio que não conseguirá nada.» As coisas eram exactamente como me foram ditas. Noutros casos, enquanto exorcizava pessoas na presença de um sensitivo, ele indicava-me quais as partes do corpo que eu devia abençoar com a estola ou ungir com o óleo, porque eram as mais atingidas. No fim da sessão, a vítima confirmava com exactidão as partes em que mais fortemente sentia as dores.

Poderia focar uma quantidade de casos semelhantes. Devo dizer que as pessoas que escolhi (entre tantas que se me apresentaram como sensitivas) eram pessoas de muita oração, desinteressadas, cheias de bondade e de caridade e, sobretudo, humildes. Se não tivesse descoberto o seu talento, por acaso ou por meio de outros, elas nunca me teriam falado disso. De que é que se trata? De um carisma? De uma faculdade paranormal? Penso que se trata simplesmente de um dom paranormal que a pessoa usa para fazer o bem. Não ponho de parte a ideia de que um tal poder possa ser associado a um carisma. Não encontrei nas pessoas nenhum sinal de fadiga como acontece quando há uma perda de energia. Pelo contrário, constatei que as suas capacidades aumentavam à medida que as usava. Isto deixa supor que, basicamente, se trata de uma faculdade paranormal. Acrescento que é muito difícil encontrar videntes ou sensitivos autênticos, mas pessoas que se consideram e são julgadas como tal são imensas. É preciso ter os olhos bem abertos.

Os curandeiros. Pretendo falar daquelas curas realizadas por uma transmissão de energia especial, geralmente por imposição das mãos. Estamos em pleno domínio do paranormal, de que o Professor Emílio Servadio é um dos maio-

res estudiosos em Itália. Sem entrar nos detalhes dum sector que não é da minha competência, limito-me a dizer que os curandeiros, tal como os médicos e os especialistas em ciências humanas, não têm nenhuma influência sobre os diferentes males de natureza maléfica.

Os pranoterapeutas. O seu número, tal como o dos curandeiros, aumentou de maneira desmedida nos últimos anos. Não me compete fornecer explicações sobre a teoria do *prana* ou do *bioplasma*. É um domínio que a ciência oficial estuda mas que ainda não é aceite. Limito-me a transmitir as conclusões a que chegou o Pe. La Grua no seu livro intitulado *La Preghiera di Guarigione*: «Se as curas se produzem graças a uma energia transmitida pelo curandeiro ao doente, ou por uma carga psíquica, ou pelo estímulo de energias de reserva, é um facto que estas curas não têm nada que ver com as curas carismáticas. Por outro lado, há perigo de infiltração espírita. É por isso que é necessário imensa prudência.»

Conheci vários pranoterapeutas verdadeiramente desinteressados, com fé, que punham as suas qualidades ao serviço dos outros com um espírito de verdadeira caridade. Contudo, estas pessoas contam-se pelos dedos da mão («dois em mil» segundo o Pe. Pellegrino Ernetti, o célebre exorcista de Veneza). É preciso ter cautela com a pranoterapia. É sobretudo pelos frutos e pelos métodos, cuidadosamente estudados, que se reconhece a árvore...

Os mágicos. Já falámos bastante deles. Lembremos simplesmente o modo como certas curas se podem produzir por acção do demónio, que se serve por vezes do nome de entidades extraterrestres ou de guias espirituais. O próprio Jesus nos põe de sobreaviso contra estes indivíduos: «Porque hão-de surgir falsos cristos e falsos profetas, que farão grandes milagres e prodígios, a ponto de desencaminharem, se possível até os eleitos» (Mt 24,24). Há uma outra situação, que não é poder diabólico, que se manifesta na quantidade

de falsos mágicos que não passam de simples charlatões, de vigaristas, que enganam as pessoas dando-lhes talismãs, fitas, saquinhos. Uma folha de papel de caderno queimada, enrolada numa corda, contendo palavras incompreensíveis é um talismã que vale 600 euros! Também encontrei um homem que tinha gasto cerca de 1000 euros para ter um saquinho que continha ninharias, destinado a libertá-lo de uma série de infelicidades.

As ciganas. Creio que é útil dizer algumas palavras sobre elas porque as encontramos sempre nos nossos caminhos. Não vale a pena referir o que já mencionei a propósito das cartomantes e dos vigaristas. Numa primeira fase, vou ilustrar um outro aspecto através de exemplos. Exorcizei uma senhora possessa do demónio. Ela sofria há muito tempo de diferentes tipos de problemas, mas nunca tinha pensado poder ser vítima de um tal flagelo. Uma jovem cigana, à qual a mulher doente se tinha dirigido, disse-lhe: «Senhora, sente-se mal porque lhe fizeram um bruxedo. Traga-me um ovo fresco». Ela trouxe e a cigana, depois de lhe ter posto o ovo sobre o peito, rezou uma breve oração numa língua desconhecida (em *romeno*?), depois partiu o ovo; saiu dele uma pequena serpente. Alguns meses depois, esta mulher teve ocasião de procurar uma outra cigana de uma proveniência diferente da primeira, que lhe repetiu quase as mesmas palavras: «A senhora sofre tanto e há tantos anos, porque foi vítima de um bruxedo. É preciso que se desembarace dele. Traga-me um ovo fresco». Desta vez a senhora voltou com o marido. A cigana pôs o ovo sobre o peito da senhora e depois de ter rezado uma breve fórmula que parecia uma oração, partiu o ovo donde saiu um tufo de cabelos.

Um dos meus amigos que é médico em Roma, ao sair da basílica de S. João de Latrão, foi abordado por uma cigana que lhe pedia esmola. Ela costuma lá estar sempre. Abriu o porta-moedas, pensando dar-lhe 0,50 euros mas só tinha uma nota de 5 euros; ainda assim, deu-lha na mesma. A ci-

gana olhou para ele e disse-lhe: «O senhor foi muito generoso comigo; eu também lhe quero fazer bem.» Descreveu imediatamente os problemas de saúde que o afectavam e aconselhou-o vivamente a curar-se (o médico conhecia bem os seus problemas, mas... um bom médico não dá atenção a si). Também foi informado de que seria vítima de uma vigarice, se não tomasse as necessárias medidas de protecção. Tudo verdade.

Como explicar estes factos? Não é fácil. Parece que algumas ciganas têm poderes paranormais que transmitem umas às outras de geração em geração há séculos. Trata-se contudo de casos excepcionais. As ciganas geralmente recorrem muito à magia e a todas as formas de superstição. Está-lhes no sangue e transmite-se de mães para filhas (são sempre as mulheres que praticam a magia).

Assinalo à margem deste assunto que existe sempre uma tentação à espreita tanto para os carismáticos, como para os sensitivos e também para os exorcistas (mais para os outros): é procurar a solução mais rápida para a cura, deixando de lado os meios sagrados habituais, o que dá origem a cair mais ou menos involuntariamente na magia. Por exemplo, se se derramar gotas de óleo num pratinho cheio de água pronunciando ao mesmo tempo nomes e formulando questões, obtêm-se respostas. Dá-se assim início a uma cadeia de práticas mágicas. Conheci carismáticos que passaram a fazer práticas de magia, mas abandonaram-nas em seguida. No entanto, nem todos são capazes de voltar atrás. Também vi padres, não exorcistas, empregar certos métodos com sucesso, sem se aperceberem de que estavam a fazer verdadeira e pura magia. O demónio é astuto: está sempre pronto a prometer-nos os reinos da terra se nos prostrarmos para o adorar!

A gata borralheira do ritual

Muitos anos passaram desde o Concílio Vaticano II. As diferentes partes do Ritual foram revistas em função das directivas do Concílio, mas a única parte que ainda está no silêncio com o rótulo «estamos em obras» é a que se refere aos exorcismos. É verdade que constam em toda a doutrina da Sagrada Escritura, da teologia e do magistério da Igreja, como citámos, noutros capítulos, existirem em vários textos do Concílio Vaticano II. Não vou transcrever aqui os três discursos de Paulo VI e os quinze de João Paulo II, cito apenas uma frase de Paulo VI, extraída do seu discurso de 15 de Novembro de 1972: «Sai do quadro do ensinamento bíblico e eclesiástico, quem se recusa a reconhecer a sua existência (a realidade demoníaca), ou a considera como um fenómeno independente, que não tem, pura e simplesmente origem em Deus como toda a criatura, ou ainda a define como uma pseudo-realidade, como uma personificação conceptual e fantástica das causas desconhecidas dos nossos males.» E ainda acrescenta: «Ficai sabendo que a questão do demónio e da influência que ele pode exercer sobre indivíduos, sobre comunidades, sobre sociedades inteiras ou sobre acontecimentos, é um capítulo extremamente importante da doutrina católica que deve ser de novo objecto de estudo; embora hoje em dia não se esteja a dar-lhe muita atenção.»

Na prática, para muitos padres, Deus não passa de palavras ao vento, quer sejam as da Bíblia, as da tradição ou as

do magistério. Mons. Balducci escreve justamente a este respeito: «É preciso que o povo tome consciência da crise que a Igreja está hoje atravessando, pelo menos no que se refere à doutrina» (*Il Diavolo*, Editions Piemme, p. 163). Alguém me disse que um grande número dos meus artigos reflectia um espírito polémico relativamente a certos teólogos, bispos e exorcistas. Não se trata de polémica. Trata-se de fazer luz sobre a verdade. Porque a crise não é só doutrinal; é, sobretudo, pastoral, quer dizer, engloba os bispos que não nomeiam exorcistas e os padres que já não acreditam. Sem querer generalizar, é preciso reconhecer que, hoje, o demónio está activíssimo a atormentar as pessoas; e cada vez que estas procuram um exorcista, acabam sempre por se encontrar diante duma tabuleta com a indicação: «Estamos em obras.»

Começa pelos teólogos. Cito em primeiro lugar Luigi Sartori que é uma das pessoas mais conhecidas e cotadas. Ele escreve: «É provável que algumas curas operadas por Jesus se referissem a doentes afectados mais propriamente por doenças nervosas do que a verdadeiros endemoninhados.» Esta insinuação é péssima e totalmente falsa. O Evangelho faz sempre uma distinção muito clara entre a cura da doença e a libertação do demónio, entre o poder que Jesus concede para expulsar os demónios e o poder que concede para curar os doentes. Os Evangelistas podem não indicar as doenças com o nome técnico moderno, mas sabem distinguir perfeitamente quando se trata de uma doença ou quando se trata de uma possessão diabólica. Quem não sabe fazer esta distinção é Luigi Sartori, não o Evangelista. Vimos a importância fundamental que é dada na obra de Cristo à expulsão dos demónios. Quando os setenta e dois discípulos, designados por Jesus para ir pregar, dois a dois, quiseram resumir os resultados do seu ministério, disseram uma só coisa cheios de alegria: «Ó Senhor, até os demónios se nos sujeitam quando evocamos o teu nome!» E Jesus res-

pondeu: «Eu via Satanás caindo do céu como um raio» (Lc 10,17-18). Não é estranho que Sartori conclua o seu artigo afirmando: «Jesus, na sua qualidade de taumaturgo, exprimia especialmente a força do amor e estabelecia laços de simpatia recíproca; por esta razão é que fazia milagres e *não porque dispusesse de forças sagradas e secretas* próprias de um mágico» (*Família Cristã*, n.º 19, 10 de Maio de 1989). Errado, caro teólogo, Jesus não procurava a simpatia nem era dotado de forças secretas dum mágico. Tinha a onipotência de Deus e demonstrava pelas suas obras que era Deus. Aos olhos de certos teólogos modernos, contudo, isto não passa de pequenas subtilezas sem importância.

Passemos a outro teólogo: Luigi Lorenzetti. Admite, por benevolência, que o «crente não pode excluir, em absoluto, a interpretação demoníaca de certos factos» mas apressa-se a acrescentar que «é difícil, mesmo *impossível*, definir com absoluta certeza tal presença em casos concretos». Se é *impossível*, então, as libertações operadas por Cristo não são dignas de crédito nem as operadas pelos apóstolos. É inútil, então, o poder que Jesus Cristo deu à sua Igreja para expulsar os demónios. São inúteis as disposições eclesásticas sobre os exorcismos e são inúteis os próprios exorcismos. Não, meu caro teólogo, é-te impossível a ti e aos teólogos como tu distinguir, perante casos concretos, se é ou não a presença do demónio, porque neste campo não têm nenhuma experiência. Porque é muito cómodo concluir: «Na generalidade dos casos não nos enganamos, se substituírmos a interpretação mágico-demoníaca dos factos pela científico-natural» (*Família Cristã*, n.º 39, 5 de Outubro de 1988). É o mesmo que dizer: acredito no demónio em teoria, só para não passar por herético, contudo não acredito na prática, porque na prática só me fio na ciência natural.

Se esta é a opinião dos teólogos de prestígio, o que devem pensar os simples padres? Dou-me conta, diariamente, que não acreditam nos males demoníacos. Por vezes põem

no mesmo saco as maquinações diabólicas e as vigarices dos que especulam sobre a credulidade popular para ganhar dinheiro facilmente. As opiniões de um pároco de Palermo, Pe. Salvatore Caione, publicitadas no n.º 6 da *Família Cristã*, reflectem bem esta tendência. Na divulgação do slogan «Os bruxedos não existem», considera tudo uma charlatanice e junta tudo: bruxos, cartomantes e exorcistas (esquecendo que foram nomeados pelo bispo segundo as regras eclesiásticas), colocando todos ao mesmo nível. Sem dúvida que um grande número de pessoas são charlatães. Mas não é, certamente, pelo erro que se ensina a verdade. Estas subtilezas escapam a Pe. Salvatore e aos que publicam as suas ideias, não se dando conta dos erros grosseiros que contêm. É evidente que, misturando o erro e a verdade, dado que os exorcistas são pouquíssimos e que as pessoas se voltam cada vez mais para os feiticeiros, os bruxos, e os cartomantes, estes aumentam desmedidamente. O crente não é esclarecido por ninguém. Eu exorcizei uma religiosa num estado de saúde extremamente delicado, por causa de uma possessão do demónio que fazia piorar o seu estado progressivamente desde há dez anos. Chamei a Madre Superiora e disse-lhe que não se devia esperar que alguém ficasse moribundo para se chamar o médico, deve chamar-se logo desde os primeiros sintomas da doença. Ela respondeu-me: «O senhor tem razão, mas nenhum padre nos ensinou isto.» Soube também que esta religiosa tinha consultado um grande número de eclesiásticos (sem falar em médicos), e que a ninguém tinha vindo à ideia qual poderia ser a verdadeira causa dos seus males que resistiam a qualquer tratamento.

É verdade que também referi alguns exorcistas nos meus artigos. Disse que «se perdeu a escola», isto é, nas dioceses já não há aquela transmissão de saberes do exorcista experiente para o novo exorcista. Isto explica que certos exorcistas não conhecem nada das coisas mais rudimentares. Fiquei surpreendido com Mons. Giuseppe Ruata, o cónego da

catedral e coordenador dos exorcistas de Turim. Franca Zambonini, enviado pelo cardeal Ballesterio, entrevistou-o para a revista *Família Cristã* (de 30 de Março de 1988). Quando alguém afirma que a «possessão diabólica é limitada no tempo e dura poucas horas ou poucos dias», quer dizer que não tem a mínima experiência. Por outro lado, afirma que, em todas as pessoas que se dirigiram a ele, não notou sinais que deixassem supor que devia necessariamente recorrer a um exorcismo. Quanto a mim, exorcizei durante sete anos de trabalho arrasante mais de vinte mil pessoas (de tal modo que fui obrigado a abrandar o ritmo). Tenho vindo a anotar o nome dos possessos: foram sessenta e todos nesse estado há dezenas de anos. São pessoas que vêm às bênçãos há dez, quinze anos, por vezes mais, e ainda não estão libertas.

Também critiquei vivamente Mons. Giuseppe Vignini, confessor na Catedral de Florença e exorcista, por causa dos seus quatro artigos publicados em *Toscana oggi* (Outubro e Novembro de 1988; Janeiro de 1989). Quando um exorcista escreve que a feitiçaria, as missas negras, os bruxedos, etc., são «artifícios inofensivos e fruto de fantasia sob o efeito de sugestão», quando afirma que o exorcismo não é um sacramento mas uma simples invocação, ignorando que é um sacramental, quando conclui as suas divagações afirmando que, na prática, já não se deviam fazer os exorcismos, deve-lhe ser dito com todo o respeito possível: «Querido filho, ou te informas ou muda de ofício.»

Conheço alguns exorcistas que não têm o Ritual, não conhecem as regras a seguir, nem as orações próprias para rezar, com excepção de uma tradução italiana incompleta e pouco credível do exorcismo de Leão XIII.

O caso de Annaliese Michel, uma jovem alemã de 24 anos, natural de Klingenberg (Alemanha), que morreu em 1976 após uma longa série de exorcismos, foi alvo de toda a imprensa mundial. O facto de os dois jovens exorcistas

terem sido denunciados e submetidos a um procedimento penal contribuiu para dar amplitude a este assunto. Parece que os dados fornecidos pela imprensa e outras publicações, como o livro de Kasper e Lehmann, publicado em Itália por Queriniana em 1983 sob o título *Diavoli, Demoni Possessioni*, faziam suspeitar que os dois padres concluíram com demasiada facilidade que se encontravam diante de um caso de possessão diabólica. Parece também que os exorcistas, se bem que tivessem sempre agido na presença e com o consentimento dos pais da jovem, se deixaram um pouco guiar por aquilo que a própria rapariga indicava como necessário para a libertação.

O livro intitulado *Anneliese Michel*, de Kasper Bullinger (Edições Ruhland, Alloting, 1983), que apareceu a seguir, analisa este acontecimento em detalhe. Trata-se, em suma, de um estudo que despenaliza inteiramente os dois exorcistas e demonstra a seriedade manifestada no empenho tanto do bispo que tinha autorizado os exorcismos como dos dois padres. Precisou-se a causa de morte da jovem que não teve nada a ver com o sacramental administrado. Contudo, este episódio contribuiu para desencorajar os padres de aceitar o encargo de exorcista.

Por fim, falemos dos bispos. É verdade que me referi também a eles porque os amo e desejo a sua salvação. O Direito Canónico não prevê o delito de omissão de actos de ofício, mas a página do julgamento final, conforme é descrito no capítulo 25 do Evangelho de S. Mateus, apresenta a gravidade irreparável do pecado de omissão.

Recordo-me ainda da intervenção, particularmente infeliz, dum célebre arcebispo durante uma emissão televisiva de grande audiência, em 25 de Novembro de 1988. Parecia que se gabava de nunca mais ter feito exorcismos e de nunca mais ter nomeado exorcistas. Felizmente, o digníssimo Formigoni, do Movimento Comunhão e Libertação estava presente para defender o ponto de vista dos cristãos. Tam-

bém conservo nos meus dossiers uma série de respostas fornecidas por bispos que, sem querer generalizar, não honram o episcopado italiano. Foram-me referidas por pessoas vindas de todas as regiões de Itália, às quais eu tinha aconselhado que se dirigissem primeiro ao seu bispo antes de virem ter comigo.

As respostas mais frequentes foram:

«Eu por princípio não nomeio exorcistas» – «Eu só acredito na parapsicologia» – «Mas você ainda acredita nessas coisas?» – «Não encontrei nenhum padre que esteja disposto a aceitar esse cargo, procure noutro lado» – «Eu não nomeio exorcistas nem faço exorcismos, porque tenho medo. Se o demónio se revolta contra mim, o que é que eu faço?» – «Gostava imenso de saber quem é que lhe meteu essas parvoíces na cabeça», ... Poderia continuar. Todas estas respostas fazem sofrer imenso a pessoa que as recebe, mas não sei se fazem sofrer do mesmo modo os que as dão. Na maior parte dos casos, trata-se de pessoas que explicaram ao bispo que tinham recebido bênçãos do Pe. Cândido, tendo-lhes este dito que tinham necessidade de outras bênçãos. Portanto na prática o diagnóstico do mal já tinha sido feito por um exorcista célebre e muito competente.

Certamente que eu não tenho a intenção de generalizar. Se sou exorcista devo-o à sensibilidade e à iniciativa do cardeal Poletti; creio que todos os exorcistas devem estar reconhecidos ao seu bispo. No entanto, o reduzido número de exorcistas denota claramente a falta de interesse com respeito a este sector.

Noutros países europeus, a situação é pior que na Itália. Exorcizei pessoas vindas da Alemanha, Áustria, França, Suíça, Inglaterra e Espanha. Vieram todas propositadamente atraídas pela fama do Pe. Cândido e depois tiveram de se resignar a sujeitar-se ao seu aluno. Estas pessoas afirmaram que tinham sido obrigadas a deslocar-se porque não encontraram exorcistas no seu país. Um suíço assegurou-me que

tinha telefonado a todos os bispos católicos e que tinha recebido respostas negativas de todos. Isso não significa que não existam exorcistas nestes países, mas, sem dúvida que é difícil identificá-los. Vir expressamente a Roma para um exorcismo não constitui propriamente um divertimento.

Insisto: no estrangeiro a situação é pior que em Itália. Vejamos um exemplo revelador. Os meus confrades dos Estados Unidos que quiseram traduzir o livro de Balducci *Il Diavolo*, para poderem obter o *imprimatur*, foram obrigados, pelo censor diocesano, a suprimir os casos em que se falava de possessão diabólica. Note-se a incoerência de tal disposição: além de serem factos históricos documentados, tratava-se da aplicação prática dos princípios expostos no livro. É o erro habitual que se verifica: não se nega a presença do demónio em absoluto para não passar por herético, mas nega-se categoricamente quando se trata de casos concretos.

A situação não é assim em certas confissões protestantes. Mesmo em Roma, encontram-se os que levam este problema muito a sério, que estudam os diferentes casos e que, através do discernimento, descobrem a presença do Maligno, e exorcizam com uma eficácia que eu próprio já pude constatar. É claro que, todos os que acreditam em Cristo, e não só os católicos, têm o poder de expulsar o demónio em seu nome. Não devemos ter ciúmes, mas olhar para o Evangelho. Quando João disse a Jesus: «Mestre, vimos um homem a expulsar demónios em teu nome. Proibimos-lho porque não é dos nossos» (Mc 9,38-49), o Senhor reprovou os Apóstolos.

Foi esta descoberta que fizeram os membros do Renascimento e começaram a rezar as *orações de libertação*: orações regidas por critérios precisos, e que são muito eficazes. E precisamente para regulamentar essas orações o cardeal Suenens escreveu um livro intitulado *Rinnovamento e Potenza delle Tenebre* (Ed. Paoline, 1982), cuja apresentação é

do cardeal Ratzinger. Ele escreve: «Inicialmente, católicos ligados ao Renovamento descobriram a prática de libertação nos cristãos de outras tradições pertencentes muitas vezes às Free Churches ou Pentecostais; e uma grande parte dos livros que se leram ou que ainda se lêem provêm desses ambientes. Além disso, encontra-se uma grande quantidade de literatura sobre o diabo e os seus acólitos, sobre a sua estratégia, e sobre os seus meios de acção, etc. Na Igreja Católica isto é quase desconhecido e a nossa pastoral específica não forneceu directrizes adaptadas aos nossos tempos» (pp. 79-80).

No próximo capítulo voltaremos a esta abordagem. Entretanto, é justo apoiar aqueles que seguem o Evangelho mais de perto. Também sobre este assunto, e no que diz respeito ao estudo e divulgação da Bíblia, nós, católicos, não avançamos muito relativamente a certas confissões protestantes. Nunca será demais repetir que o racionalismo e o materialismo tiveram uma influência negativa numa certa categoria de teólogos. Tiveram uma influência profunda sobre bispos e padres. Mas, no fim, quem sofre por causa disso é o povo de Deus. O único bispo exorcista que conheço na Itália é Mons. Milingo, africano, que é alvo de muitas contestações. Por outro lado sei que o Papa fez pelo menos dois exorcismos. Não sei de mais casos, mas alegrar-me-ia imenso conhecer a existência de outros.

Termino dizendo que um dos objectivos deste livro é contribuir para restabelecer na Igreja católica a pastoral exorcística. É um mandato bem específico da parte do Senhor e uma lacuna imperdoável se se negligenciar. O capítulo seguinte abordará essa questão.

Apêndice

Um documento do Vaticano respeitante à demonologia

Não se julgue que só eu é que me apercebi da tontice de certos teólogos. Parece que muitos de entre eles consideram o mesmo relativamente a casos como o de um novo «padre da Igreja», Rudolf Bultmann, que entre outras coisas escreveu: «Não se pode usar a luz eléctrica, ouvir rádio ou recorrer, em casos de doença, às últimas descobertas médicas e clínicas e ao mesmo tempo acreditar no mundo dos espíritos e dos milagres tal como nos é proposto pelo Novo Testamento» (*Nuovo Testamento e Mitologia*, Queriniana, 1969, p. 110). Considerar o progresso técnico como uma prova inegável de que a Palavra de Deus está ultrapassada significa, simplesmente, enlouquecer. Entretanto, muitos teólogos e especialistas da Bíblia julgam «estar fora de moda» se não seguem estas directivas. É interessante uma estatística sobre os teólogos católicos apresentada no livro de Lehmann, que já citámos noutra ocasião: dois terços aceitam, em teoria, os dados tradicionais relativos ao demónio, mas recusam-nos quando são aplicados à prática pastoral; por outras palavras, não se querem opor formalmente à Igreja mas, na prática, não aceitam os ensinamentos (p. 115). Também é interessante um outro ponto posto em relevo na estatística: os teólogos católicos demonstram ter um conhecimento muito superficial sobre a possessão diabólica e sobre exorcismos (p. 27). Eu também sempre afirmei este facto.

Consciente desta situação, a Congregação para a Doutrina da Fé submeteu esta questão a um especialista e publi-

cou um artigo no *Osservatore Romano* de 26 de Junho de 1975 sob o título: «*Fé Cristã e Demonologia*». Este estudo foi seguidamente inserido entre os documentos oficiais da Santa Fé (*Enchiridion Vaticanum*, Vol. V, n.º 38), de que retiramos alguns extractos. O seu objectivo principal é instruir os fiéis e, sobretudo, os teólogos desviados, que evitam a existência de Satanás nos seus estudos e ensinamentos; apesar de que Cristo «desceu do céu e encarnou para destruir a obra do demónio» (1Jo 3,5). Suprimindo a existência do demónio, destruimos a redenção; quem não acredita no demónio, não acredita no Evangelho.

«Ao longo de toda a sua história, a Igreja sempre reprovou as diferentes formas de superstição, a preocupação excessiva com Satanás e os demónios, com os diversos tipos de culto e de apego mórbido a estes espíritos. Seria portanto injusto afirmar que o cristianismo, esquecendo o poder universal de Cristo, tivesse feito de Satanás o objecto preferido da sua pregação, transformando a Boa Nova do Senhor ressuscitado numa mensagem de terror... Mas, na realidade, seria um erro funesto comportarmo-nos como se, considerando a questão já resolvida, a redenção tivesse tido todos os seus efeitos sem que houvesse mais necessidade de nos empenharmos na luta de que nos fala o Novo Testamento e os mestres da vida espiritual...

A maior parte das vezes, a existência de Satanás é abertamente posta em dúvida. Alguns críticos pensam poder mesmo identificar a posição de Jesus, pretendendo que nenhuma das suas palavras tenha garantido a realidade do mundo demoníaco, pois a afirmação da sua existência quando se refere a ele, reflectiria mais as ideias dos escritos judaicos ou fundamentar-se-ia na tradição neotestamentária e não em Cristo; uma vez que a existência de Satanás não faria parte da mensagem evangélica central, já não comprometeria a nossa fé hoje e ficaríamos livres para a pôr de parte.

Outros críticos mais objectivos e radicais aceitam as afir-

mações das Sagradas Escrituras no que elas têm de evidente relativamente aos demónios; mas apressam-se a acrescentar que, no mundo de hoje, isso não seria aceitável nem para os próprios cristãos. Por conseguinte, também eles a rejeitam. Por fim, aos olhos de alguns, a noção de Satanás, qualquer que seja a sua origem, não tem nenhuma importância; defendendo esta ideia, o nosso ensinamento, segundo eles, perderia crédito e faria sombra ao discurso sobre Deus, único que merece o nosso interesse.

Todos eles pensam, no fim de contas, que os nomes de Satanás e de diabo não passam de personificações míticas e funcionais, unicamente destinadas a sublinhar, de maneira dramática, a influência do mal e do pecado sobre a humanidade. Pura questão de linguagem que, segundo eles, na nossa época deveria ser decifrada, a fim de encontrar uma outra forma de inculcar nos cristãos o dever de lutar contra todas as forças do mal no mundo.

Estas tomadas de posição, repetidas com presunção de serem eruditas, e divulgadas em revistas assim como em certos *dicionários teológicos* não podem deixar de perturbar os espíritos: os fiéis acostumados a levar a sério as advertências de Cristo e dos escritos apostólicos, têm a impressão de que os discursos deste género pretendem, neste campo, imprimir uma viragem na opinião pública e aqueles, entre eles, que têm conhecimentos de ciências bíblicas e religiosas, perguntam-se até onde é que irá este processo de desmistificação posto a correr em nome duma certa hermenêutica...

Também as principais curas de possessos foram efectuadas por Cristo nos momentos considerados decisivos nos relatos do seu ministério. Os seus exorcismos apoiavam e orientavam o problema da sua missão e da sua pessoa, como amplamente comprovam as reacções que suscitavam. Sem nunca colocar Satanás no centro do seu Evangelho, Jesus falou dele unicamente nos momentos evidentemente cruciais e com declarações importantes.

Antes de tudo deu início ao seu ministério público, aceitando ser tentado pelo diabo no deserto: o relato de Marcos, apesar da sua sobriedade, é decisivo comparativamente ao de Mateus e de Lucas. É contra este adversário que Cristo nos põe de sobreaviso no discurso da montanha e na oração que ensinou aos seus discípulos, o *Pai-Nosso*, como reconhecem hoje numerosos exegetas, apoiados no testemunho de muitas liturgias. O Apocalipse é, sobretudo, o quadro grandioso em que resplandece o poder de Cristo ressuscitado nos testemunhos do seu Evangelho: proclama o triunfo do Cordeiro imolado; mas seria um engano completo sobre a natureza desta vitória, se não se entresse o fim de uma grande luta em que intervêm, através dos poderes humanos que se opõem ao Senhor Jesus, Satanás e os seus anjos, distinguindo-se uns em relação aos outros pura e simplesmente como seus agentes históricos. É, na verdade, o Apocalipse que, sublinhando o enigma dos diferentes nomes e símbolos de Satanás na Sagrada Escritura, desmascara definitivamente a sua identidade. A sua acção desenrola-se em todos os séculos da história humana sob o olhar de Deus. Evidentemente, a maioria dos padres, abandonando com Orígenes a ideia de um pecado carnal cometido pelos anjos caídos, viram no orgulho – que é o desejo de se elevar acima da sua condição, de afirmar a sua independência, de se julgar Deus – o princípio da queda; mas, a par deste orgulho, muitos sublinharam também a sua malvadez nos confrontos com o homem. Segundo Sto. Ireneu, a apostasia do diabo teria começado quando ele teve inveja da criação do homem e o tentou levar a rebelar-se contra o seu Criador. Segundo Tertuliano, Satanás, a fim de macaquear o projecto do Senhor, teria imitado nos mistérios pagãos os sacramentos instituídos por Cristo. O ensinamento patrístico faz eco, portanto, de maneira substancialmente fiel, da doutrina e das orientações do Novo Testamento.»

Uma pastoral a reconstruir

«Aqueles que acreditarem, em meu nome expulsarão os demónios». Esta simples afirmação de Cristo, relatada no final do Evangelho de Marcos, foi o suficiente para uma completa pastoral de libertação nos primeiros séculos do cristianismo. Todo o cristão era exorcista, ou seja, tinha este poder baseado na fé e na força do nome de Jesus. Temos testemunhos de Justino, Tertuliano e Orígenes. Depois começaram a multiplicar-se as fórmulas de exorcismo e a recolha destas fórmulas. Entretanto, as autoridades eclesiásticas começaram a regular as regras de exorcizar, confiando os casos mais graves a pessoas qualificadas, e multiplicando os sacramentais, postos à disposição de todos para os casos menos graves.

Até estes últimos tempos, mesmo quando os exorcismos mais graves estavam reservados aos bispos ou aos padres especialmente mandatados por eles (como é a disciplina actual), cada diocese dispunha de um número adequado de exorcistas. Não havia a crise de incredulidade actual, pelo menos quanto à existência do demónio, que faz com que os bispos, hoje em dia, não abordem este problema pastoral (problema que deveria fazer parte da pastoral ordinária de cada diocese) e os padres não estejam nem dispostos, nem preparados para assumir tal cargo. O Direito Canónico pede particularmente aos párocos que se empenhem em estar atentos às famílias e às pessoas individualmente, especial-

mente nos seus sofrimentos; que assistam aos pobres, aos doentes, aos aflitos e a todos os que estão em dificuldades especiais (can. 259). Não há qualquer dúvida de que entre casos de sofrimento e de dificuldades especiais estão incluídas as vítimas do Maligno. Mas quem é que vai acreditar nelas?

O recurso aos feiticeiros, cartomantes e bruxos multiplica-se. São raros os casos de pessoas que se dirigem a um exorcista sem que antes tenham recebido os cuidados nefastos dessas pessoas que atrás referimos. Verifica-se, à letra, o que nos diz a Escritura acerca do rei Acáz. Encontrando-se gravemente doente, enviou mensageiros a consultar Baal-Zebul (o príncipe dos demónios!), deus de Ekron, para saber o seu futuro. O profeta Elias foi ao encontro destes mensageiros e disse-lhes: «Não há porventura um Deus em Israel para terdes de ir consultar Baal-Zebul? (2Rs 1,1-4). Hoje a Igreja Católica renunciou a esta sua missão específica, e as pessoas já não se viram para Deus, mas para Satanás.

«Nos nossos dias quais são as maiores necessidades da Igreja? Não se admirem com a resposta que não tem nada de simplista nem de supersticioso, e ainda menos de irreal: uma das maiores necessidades é a defesa contra aquele mal a que nós chamamos demónio» (Paulo VI, 15 de Novembro de 1972). O alcance das palavras do Santo Padre ultrapassa sem dúvida o domínio restrito dos exorcismos, mas podemos afirmar, sem nos enganarmos, que também está englobado este campo.

A comissão encarregue da revisão do Ritual encontra-se perante uma tarefa complexa. Não se trata só de rever as regras iniciais e as orações próprias do exorcismo. É preciso clarificar toda a pastoral sobre esta matéria.

Actualmente o Ritual apenas considera directamente os casos de possessão diabólica, isto é, os casos mais graves e mais raros. Nós, os exorcistas, ocupamo-nos, na prática, de todos os casos em que verificamos intervenção satânica: os

casos de vexação diabólica (que são muito mais numerosos do que os casos de possessão); os casos de obsessão; os casos de infestação de casas e ainda outros casos em que tenhamos verificado a eficácia da nossa oração. Direi que também neste campo vale o princípio *natura non facit saltus* (a natureza não dá saltos, mas progride lentamente). A diferença entre indivíduos possessos e vexados não é muito clara. Acontece o mesmo entre a vexação e outros males: os males físicos susceptíveis de ser provocados pelo Maligno; os males morais (estados de pecado habitual, sobretudo nos casos mais graves), em que certamente o Maligno fez a sua parte. Por exemplo, apercebi-me que umas vezes é útil fazer um breve exorcismo, outras a oração dos doentes, a pessoas sobre as quais havia suspeitas quanto à origem do seu mal. O uso dos exorcismos breves ajudados pelo sacramento da confissão para pessoas endurecidas em certos pecados, como por exemplo os homossexuais, também se tem verificado eficaz. Santo Afonso, doutor da Igreja em teologia moral, falando, um dia, para os confessores disse que o padre, *antes de tudo*, quando pensa estar a ser confrontado com casos que pensa poder ser de infestação demoníaca, deve exorcizar privadamente.

Entretanto chamo a atenção para o facto de que, de acordo com as regras em vigor, o trabalho do exorcista só se limita aos casos de possessão diabólica. Todos os outros casos podem ser resolvidos com a ajuda dos seguintes meios: oração, sacramentos, uso dos sacramentais, orações de libertação feitas em grupo, etc. Mas este assunto é demasiado vasto para ser deixado à mercê de iniciativas pessoais sem nenhuma disposição precisa. No apêndice reproduzimos a carta que a Congregação para a Doutrina da Fé enviou aos bispos em 29 de Setembro de 1985. Fundamentalmente lembra as disposições em vigor, sem resolver o problema complexo que se espera da Comissão nomeada. Não sei se os bispos, nestes últimos anos, se preocuparam

em transmitir a esta comissão sugestões adequadas. Mas tenho sérias dúvidas em virtude da generalizada negligência neste sector. Só farei aqui algumas alusões.

Um dos prelados mais sensíveis a este problema era sem dúvida o cardeal Suenens, porque o vivia continuamente nas orações de libertação que se fazem nos grupos do Renascimento. Num breve capítulo da sua obra anteriormente citada, afirma: «A prática da libertação dos demónios que vem sendo exercida sem mandato, e por meio de exorcismos directos, põe o problema dos limites da competência, que convém definir e esclarecer. À primeira vista, a linha de demarcação parece clara: os exorcismos em caso de presumida possessão diabólica são exclusivamente reservados ao bispo ou ao seu delegado; os casos que estão fora da verdadeira possessão constituem um campo livre, não regulamentado e, portanto, acessível a todos».

Mas o Cardeal sabia muito bem que os casos de verdadeira possessão são raros e que é necessário um estudo específico e competente para serem identificados. Por isso acrescenta: «Tudo o que está fora da possessão diabólica propriamente dita, é como um campo com fronteiras mal definidas onde reina a confusão e a ambiguidade. A própria complexidade de nomenclatura não ajuda a simplificar as coisas; não existe uma terminologia comum e, acontece serem classificados com a mesma etiqueta, conteúdos diferentes» (p. 95).

Mais adiante, com o fim de dar sugestões práticas o Cardeal escreve: «Para que tudo seja bem claro, entre outras coisas, é preciso fixar uma terminologia e estabelecer claramente a distinção entre *oração de libertação* e *exorcismo de libertação* em que se força directamente o demónio. O *exorcismo de libertação* é reservado ao discernimento exclusivo do bispo nos casos de possessão; não existe contudo uma linha de demarcação entre as formas de exorcismo que se aplicam fora da possessão» (pp. 119-120). Quanto a mim

vejo claramente esta linha de demarcação, pelo menos no que se refere aos termos, tendo em conta que o exorcismo, propriamente dito, reservado ao bispo ou a um dos seus delegados, é um *sacramental* e envolve a intercessão da Igreja, todas as outras formas são *orações privadas*, mesmo que sejam rezadas em grupo. Não sei porque é que o cardeal Suenens não se referiu ao exorcismo como um sacramental, e como o único ao qual se devia reservar o nome de «exorcismo». Embora dedique um pequeno capítulo aos sacramentais, cita alguns mas não menciona o exorcismo como tal. A meu ver seria já um ponto claro. O Cardeal perdoará este meu reparo.

No que se refere às considerações práticas, o cardeal Suenens sugere: «Proponho que se reserve para o bispo, não só os casos de possessão diabólica, como prevê o direito antigo, mas todos aqueles em que se suspeite duma influência especificamente demoníaca. Chamo igualmente a atenção para o facto de que mesmo que o ministério de exorcismo tenha desaparecido como ordem menor; nada impede que uma conferência episcopal peça ao Vaticano que o restabeleça» (pp. 121-122). Além disso o Cardeal propõe que, para os casos menos graves, o ministério de exorcismo possa ser exercido por leigos qualificados.

Na excelente obra do Pe. La Grua, várias vezes já mencionada, também surgem outras propostas. Depois de ter recordado as propostas do cardeal Suenens, avança com propostas que poderiam ter imediata actuação, na expectativa das decisões superiores. Trata-se de propostas possíveis e que, postas em prática, poderiam até fornecer elementos de decisão para a comissão encarregada de rever esta parte do Ritual. «Em cada diocese, o bispo deveria pôr ao lado do exorcista um *grupo de discernimento* composto por três ou quatro pessoas, incluindo um médico e um psicólogo. Todos os casos *suspeitos* deveriam ser trazidos a este grupo que, depois do exame conveniente, encaminharia o paciente

para o médico, o exorcista ou o grupo de oração. O *grupo* ou os *grupos de oração*, se os casos fossem muito numerosos, deveriam ser formados por pessoas experimentadas e preparadas que interviriam nos considerados *casos menores*, deixando os casos mais graves para o exorcista. No grupo de oração, o padre deve estar sempre presente.

«A libertação seria portanto integrada no plano normal da *pastoral dos doentes*. Dever-se-ia articular uma *terapia* bem coordenada envolvendo os seguintes pontos: evangelização, prática guiada dos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, exercícios ascéticos, participação regular em grupos de oração. É evidente que, nos casos menos graves, não se pode fazer *esconjurações* sobre a pessoa mas somente *oração*, a menos que seja um padre autorizado» (pp. 113-114).

O problema, portanto, não é só aumentar o número de exorcistas e dar-lhes meios para que possam exercer correctamente este ministério. Também são abertas outras temáticas que é preciso resolver para que este sector deixe de ser um campo fechado, ostentando a tabuleta «estamos em obras». O demónio não pára a sua actividade, enquanto os servidores do Senhor *dormem*, como nos ensina a parábola do trigo e da cizânia. Mas o primeiro passo, *o passo fundamental*, é renovar nos bispos e nos padres a sensibilidade para este problema, com base na sã doutrina que nos foi transmitida pela Escritura, pela Tradição e pelo Magistério, assim como através do Concílio Vaticano II e dos ensinamentos dos últimos Pontífices.

Foi principalmente com o fim de contribuir para este objectivo que me decidi a escrever estas páginas. Só julgarei ter concluído a minha missão no dia em que tal objectivo for alcançado, sem me deixar impressionar nem pelos elogios da crítica, nem pela rápida difusão do meu livro.

Apêndice

Um documento da Congregação para a Doutrina da Fé

Trata-se de uma carta enviada a todos os Ordinários para lhes recordar as regras em vigor em matéria de exorcismos. Realmente não sei porque é que certos jornais falam de «novas restrições». Esta carta não traz nenhuma novidade. A exortação final é que é importante. O ponto n.º 2 da carta poderia ser uma novidade quando lembra que os fiéis não podem usar o exorcismo de Leão XIII, mas não diz que os padres devem pedir autorização ao seu bispo; portanto, não se sabe muito bem se esta variante faz parte da vontade da Santa Congregação. Considero duvidosa a interpretação exposta sobre o ponto n.º 3. A carta é datada de 29 de Setembro de 1985. Vamos transcrever uma tradução nossa.

«Excelentíssimo Senhor, há alguns anos, certos grupos eclesiais vêm organizando, cada vez mais frequentemente, encontros de oração com a finalidade de obter a libertação de influências maléficas, embora não se trate de exorcismos propriamente ditos. Esses encontros são animados por leigos na presença de um padre.» Uma vez que foi pedido à Congregação para a Doutrina da Fé que dê o seu parecer sobre a matéria, esta acha necessário informar todos os ordinários da seguinte resposta:

1. O cânone 1172 do Código do Direito Canónico estabelece que ninguém pode pronunciar legitimamente exor-

cismos sobre pessoas possuídas, a não ser que tenha autorização específica e expressa do ordinário local (parag. 1.º); e especifica que a licença da parte do ordinário local seja concedida a um padre dotado de piedade, sabedoria, prudência e integridade de vida (parag. 2.º); aconselha-se vivamente os bispos a respeitarem estritamente a observância destas prescrições.

2. Do mesmo modo, não é lícito aos fiéis utilizarem a fórmula do exorcismo contra Satanás e os anjos rebeldes, retirada daquela que se tornou de uso público por decisão do Sumo Pontífice Leão XIII; e ainda menos o texto integral desse exorcismo. Os bispos devem informar os fiéis da existência de uma tal disposição, se necessário.

3. Enfim, pela mesma razão, pede-se aos bispos que vigiem cuidadosamente – mesmo nos casos em que, embora não se trate de uma verdadeira possessão diabólica, se torne manifesta uma influência diabólica qualquer – aquelas pessoas que não estão devidamente autorizadas, para que tenham em conta que não podem orientar as reuniões em que se utilizam orações para obter a libertação, no decurso das quais se dirigem directamente aos demónios e se esforçam por conhecer os seus nomes.

O facto de ter lembrado estas regras não deve de modo nenhum desencorajar os fiéis da oração, a fim de que, como Jesus nos ensinou, sejam libertos do mal (cf. Mt 6,16). Por outro lado, os padres podem aproveitar esta ocasião que lhes é oferecida para lembrar o que a tradição da Igreja ensina a propósito da função dos sacramentos, da intercessão da Bem-Aventurada Virgem Maria, dos Anjos e dos Santos, mesmo na luta espiritual dos cristãos contra os espíritos malignos.

(Esta carta é assinada pelo Prefeito da Congregação, o cardeal Ratzinger, e pelo secretário da Congregação, Mons. Bovone).

**É perigoso, para as pessoas a quem
não é dada essa competência, atacar o demónio**

A carta referida alerta as pessoas a quem não foi dada a incumbência para tal, de se dirigirem directamente ao demónio, e de querer conhecer o seu nome. É uma regra dirigida também para salvaguardar as pessoas que querem fazer o que não lhes compete. A este propósito transcrevemos um saboroso episódio referido nos Actos dos Apóstolos (Act 19,11-20):

«E Deus operava prodígios extraordinários pela mão de Paulo, de tal modo que bastava aplicar aos doentes os lenços e os aventais que tinham estado em contacto com o seu corpo para que as doenças e os espíritos malignos os deixassem.

Entretanto, alguns dos exorcistas judeus ambulantes, também tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que estavam possuídos por espíritos malignos, dizendo: "Eu vos conjuro por Jesus a quem Paulo anuncia."

Entre os que faziam isto, estavam os sete filhos de um certo Escevas, sumo sacerdote judeu. Mas, em resposta, o espírito maligno disse-lhes: "Eu conheço Jesus e sei quem é Paulo; mas vós quem sois?" E o homem que estava possuído do espírito maligno saltou sobre eles e apoderando-se de uns e de outros maltratou-os tão violentamente que tiveram de sair daquela casa nus e cheios de contusões. Os judeus e gregos que habitavam em Éfeso souberam da ocorrência; e todos eles se encheram de temor, sendo enaltecido o nome do Senhor Jesus. Muitos dos que tinham abraçado a fé vieram confessar e declarar publicamente as suas práticas malévolas. E muitos também dos que se tinham dedicado à magia trouxeram os seus livros e queimaram-nos diante de todos. O valor dos livros foi calculado em cinquenta mil moedas de prata. Era assim que a palavra do Senhor crescia e se fortalecia vigorosamente.»

Note-se que, mais importante do que o problema dos se-

te irmãos, foi o modo como as pessoas se converteram abandonando a magia (o culto a Satanás) para abraçar a Palavra do Senhor (o culto a Deus).

O Pe. Cândido, mandatado pela Igreja para exercer o ministério do exorcismo, foi confrontado com uma situação bem diferente. Um dia estava a exorcizar uma mulher bastante forte, que se encolerizava com facilidade. Estava presente um psiquiatra. De súbito, a senhora levantou-se da cadeira, deu uma volta sobre si mesma, como fazem os discóbolos para ganhar força para lançar o disco, e desferrou com todas as suas forças um murro que atingiu o exorcista na têmpora direita. O barulho da pancada foi de tal ordem que ressoou em toda a sacristia. O médico acorreu assustadíssimo. O Pe. Cândido prosseguiu imperturbável o seu exorcismo, com o rosto sorridente, como era habitual. No fim da sessão disse que tinha sentido como se uma luva de veludo lhe tivesse passado na têmpora. Evidentemente tinha sido protegido pelo Céu e, não hesito em dizer, de modo extraordinário.

Conclusão

Estou no fim do meu livro e parece-me ter dito muito pouco a respeito de tanta coisa que poderia ter mencionado, mas tive intenção de escrever de uma forma prática os frutos de uma experiência directa, coisa que até agora ainda não encontrei em nenhum outro livro. Espero ter prestado um serviço a todos os que se interessam por este tema. Tive presente, sobretudo, os padres, que deveriam todos ter, pelo menos, aquele conhecimento mínimo que lhes permita discernir, perante casos concretos, se uma pessoa deve ser consultada por um exorcista, porque há motivos que fazem suspeitar de uma presença maléfica, ou se, pelo contrário, é inútil tal recurso. Já disse, mas volto a repetir: é muito importante.

No que se refere à minha experiência pessoal, devo agradecer ao cardeal Poletti, que me escolheu, sem eu esperar, e me confiou este encargo que aceitei de olhos fechados. Agora vejo, nesta possibilidade que me foi concedida, sem nenhum mérito da minha parte, um complemento do meu sacerdócio: conforme celebro Missa, prego o Evangelho, confesso, quando é necessário faço exorcismos. Tenho a possibilidade de ajudar tantas pessoas que sofrem para quem, por vezes, uma palavra de compreensão é o suficiente. Só me sentiria meio-padre se não tivesse esta possibilidade que, embora sendo de uso excepcional, comparada com as outras práticas do ministério sacerdotal, faz parte da pastoral eclesial normal. Pelo menos assim deveria ser.

Posso igualmente dizer que tive imensos benefícios sob

o ponto de vista espiritual. Benefícios para a fé porque se toca o mundo invisível com a mão; benefícios para a vida de oração e para a humildade porque nos confrontamos constantemente com a nossa absoluta impotência face a estes males: embora procurando rezar com fé e empenho, não passamos de «servos inúteis», e se não é o Senhor a intervir e a fazer tudo, o resultado dos nossos esforços e dos nossos conhecimentos adquiridos com a experiência é zero. Quando digo que é zero, não exagero de facto; São Paulo diria que é «Deus quem faz crescer» (1Cor 3,6).

Desejaria também desmentir uma crença, que não sei porquê se infiltrou no seio de uma boa parte do clero: a ideia de que o demónio se vingaria dos exorcistas. O meu mestre, o Pe. Cândido, que exerceu esta função a tempo inteiro durante trinta e seis anos, sofreu diversos problemas de saúde mas, na maioria das vezes devidos à sua idade e não à acção do demónio. D. Pellegrino Ernetti, de Veneza, exorciza há trinta e três anos e este ministério não melhorou nem piorou a sua saúde. Volto a dizer e rezarei para que em mim acreditem: o demónio já faz a cada um de nós todo o mal que pode. É falso pensar: se eu o deixar em paz ele também me deixa em paz. É falso, e é uma traição à nossa missão sacerdotal, que está toda empenhada em conduzir as almas para Deus, subtraindo-as, quando necessário, ao poder de Satanás: por meio, em primeiro lugar da Evangelização que é sem dúvida de importância capital, por meio dos sacramentos e por fim dos sacramentais entre os quais figura também o exorcismo. Um padre que tem medo das represálias do demónio é como um pastor que tem medo do lobo. E esse temor é totalmente injustificado.

Seria inútil sobrevalorizar certas vinganças que o Diabo faz para desencorajar os exorcistas. Trata-se de casos raros e vou contar um exemplo. Um dia, um sacerdote ajudava o Pe. Cândido. Estava a exorcizar um jovem quando, de repente, as roupas deste se incendiaram. Nada de grave, só

uma ligeira queimadura no ombro. A mãe disse aos pais que até a roupa interior do filho tinha ficado queimada mas sem incómodo para o filho. Um cheiro acre de enxofre desprende-se enquanto ardia, e o demónio, virou-se para o padre auxiliar, dizendo-lhe que lhe pagaria caro.

Alguns dias depois, esse padre, de noite, voltava de carro de Nápoles para Roma. De repente, na estrada foi ofuscado por luzes laterais cuja proveniência desconhecia. Decidiu por isso parar numa estação de serviço. Quando estava quase a chegar, o carro incendiou-se. O padre só teve tempo de parar, tirar as chaves e afastar-se. Acorreram alguns automobilistas que gritavam: «Há alguém lá dentro! Vê-se lá alguém!» O padre tentou convencê-los, em vão, que era só ele. De repente, o carro destravou-se sozinho e começou a avançar lentamente, como uma bola de fogo em direcção às bombas de gasolina. Simultaneamente espalhou-se na zona um cheiro acre de enxofre e o padre, reconhecendo o mesmo cheiro que se tinha desprendido durante o exorcismo, começou a rezar. O carro parou imediatamente mas continuou a arder, até ficar totalmente destruído.

Contei este episódio por amor à exactidão, mas seria um erro dar-lhe demasiada importância, pois tratou-se de um caso excepcional. Todos os padres sabem perfeitamente que, mesmo que não sejam exorcistas, pelo seu magistério sacerdotal expõem-se a riscos e a aborrecimentos. S. Pedro dizia: «Alegrai-vos em ser participantes dos sofrimentos de Cristo, para que vos possais alegrar e exultar no dia em que for manifestada a sua Glória» (1Pe 4,13). A salvação das almas merece bem alguns sacrifícios.

O padre deve acreditar no seu sacerdócio, deve acreditar no poder que o Senhor lhe deu. Deve seguir o exemplo dos apóstolos e de todos os sacerdotes santos. João XXIII lembrou a todos no início do seu pontificado a figura do Cura D'Ars. É verdade que este santo arrancava as almas a Satanás e sofreu tanto por causa do demónio. Não era exorcista

e não fazia exorcismos. É o Senhor quem governa e não nos dá provas sem nos dar ao mesmo tempo a força para as superar. Mal de nós se, por desleixo, nos furtamos e omitimos o nosso dever.

Temos o dom do Espírito, a Eucaristia, a Palavra de Deus, a força do nome de Jesus, a protecção da Virgem, a intercessão dos Anjos e dos Santos... Por que haveríamos de ter medo de um vencido?

Peço à Virgem Imaculada, inimiga de Satanás e vitoriosa sobre ele desde o primeiro anúncio da Redenção, que nos ilumine a todos, que nos proteja, que nos sustenha no combate terrestre até à obtenção do prémio eterno. Peço-lhe, particularmente, por todo o episcopado católico, que tem a *obrigação* de se ocupar de todos os que sofrem por causa do demónio, para que proceda conforme com as leis e a tradição da Igreja.

Virgem Imaculada! É uma alegria terminar pensando naquela cuja inimizade para com o demónio foi querida pelo próprio Deus: «Porei inimizade entre ti e a mulher» (Gn 3,15). É *Imaculada* porque não foi atingida pelo pecado original nem cometeu faltas actuais, isto é, nunca cedeu a Satanás. É *sempre Virgem* porque pertenceu sempre a Deus, incluindo o seu corpo donde o Verbo tirou o seu próprio corpo. Pensemos no valor da Encarnação: o demónio que não tem corpo porque é só espírito, na sua soberba queria ficar no centro de todas as coisas criadas. Depois da Encarnação foi obrigado a ver que, pelo contrário, é Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, o centro da criação; e é obrigado a constatar que, com a Encarnação, começa o tempo da sua derrota. É por isso que ele procura por todos os meios fazer que o corpo humano se torne lugar de pecado, procura humilhar o corpo, manchá-lo, como reacção raivosa à Encarnação do Verbo, que com o seu corpo sacrificado por nós, nos redimiu. Daí a importância deste dogma ma-

riano, Maria sempre Virgem em oposição a Satanás, como instrumento dos planos de Deus.

Maria declarou-se a serva do Senhor e tornou-se a *Mãe de Deus*, adquirindo uma intimidade absolutamente única com a Santíssima Trindade. Em que oposição se encontra Satanás, que se afastou de Deus e se tornou assim a criatura mais distante! Maria *na sua Assunção ao Céu* revela a gloriosa conclusão do plano de Deus que nos criou para sermos eternamente felizes com Ele; e revela a total frustração de Satanás precipitado da alegria celeste para o suplício eterno.

Maria, *nossa Mãe, Mãe da Igreja, Mediadora Universal das Graças*, mostra-nos pelo teu dinamismo contínuo a obra da Virgem com quem Cristo desejou associar-se na santificação das almas. E revela a sua oposição radical a toda a obra de Satanás, que tende a opor-se à actuação dos planos de Deus sobre os homens, pelo que nos persegue, nos tenta por todos os meios e, não contente por estar na raiz do mal, do pecado, da dor, da morte, procura ainda arrastar-nos para a condenação eterna.

Termino com estes pensamentos apenas delineados. Depois de ter escrito quatro livros sobre a Santa Virgem, não quero escrever o quinto agora, quando está na altura de concluir. O escritor Manzoni adverte-nos, com o seu bom senso, que basta um livro de cada vez, quando não é já demasiado.



Pe. Gabriele Amorth nasceu em Modena em 1925. Formado em Direito, é sacerdote da Pia Sociedade de São Paulo. Jornalista famoso, devido aos seus inúmeros artigos publicados na Famiglia Cristiana, é ainda mais conhecido pelo seu trabalho como director da revista mensal Madre di Dio e pelos seus artigos marianos. Autor de vários livros, quatro deles sobre Nossa Senhora, é membro da Pontificia Accademia Mariana Internazionale. Exorcista da diocese de Roma, é também famoso por causa de outros livros: Novos Relatos de um Exorcista e Exorcistas e Psiquiatras, publicados pela Paulus Editora.

Se tudo corre mal (a saúde, a vida afectiva, o trabalho), será que sou vítima de alguma maldição? Como é que nos podemos defender do demónio? Se uma pessoa está possessa, será por própria culpa? Que sinais denunciam uma presença diabólica? Os bruxedos, os malefícios, os maus olhados existem? Como podemos libertar-nos deles?

Um Exorcista Conta-nos, fruto de experiência directa, faz o relato de inúmeros casos concretos, dando resposta a estas e outras questões, através duma exposição ordenada desta matéria.

A prática do exorcismo, no auge até ao século XIX, tem vindo a atravessar um período de crise entre os católicos, e atinge, tanto na teoria como na prática, o estudo dos teólogos e a pastoral diocesana. A consequência disto é que abriu-se caminho para os charlatães, os bruxos e os cartomantes.

Estas páginas, embora contra a corrente, estão em consonância com os ensinamentos da Bíblia, do Magistério, da verdadeira Tradição. E são um convite a que se tomem medidas, no sentido de dar resposta às necessidades de tantas pessoas que sofrem e que precisam de ser ajudadas.

www.defendemosnocombate.blogspot.com

ISBN 978-972-751-027-1



9 603658 113174